

PREÂMBULO

LEIS DA NATUREZA E UNIVERSALIDADE

A lei da natureza é imutável como o próprio Deus Criador; acham-se, pois, as leis divinas inscritas em cada consciência, cabendo-nos identificá-las, assimilá-las, compreendê-las, exercitá-las. Embora nossa ainda incipiência e imaturidade, em cumpri-las, há uma regra áurea: Fazer a todos os homens aquilo que queremos para nós, ou seja, o exercício incondicional do bem.

Tudo no universo está subordinado à lei do progresso, seja ele material, moral, social, intelectual, espiritual. Transformações que nos tornam mais aperfeiçoados, exigindo, para tanto, salubridade do corpo, da mente e do planeta. Momentos como os ora vivenciados – a incidência pandêmica, cataclismos, guerras, crises sociais dentre tantos – que nos exigem discernimento, disciplina, temperança, vigilância, oração, fraternidade, o trabalho em prol do bem coletivo e dessa forma nos imunizamos contra forças viróticas, corrosivas de qualquer natureza.

Vivemos a era de São Miguel Arcanjo, que nos requer posicionamento claro, depurado, fundamentado na fraternidade, na verdade, na rejeição à violência, ao fundamentalismo ideológico e religioso, a quaisquer formas de racismo, xenofobia, preconceitos, incitações ao ódio, a quaisquer atentados contra os direitos humanos e ao meio ambiente, a censura ao pensamento e à liberdade de manifestação.

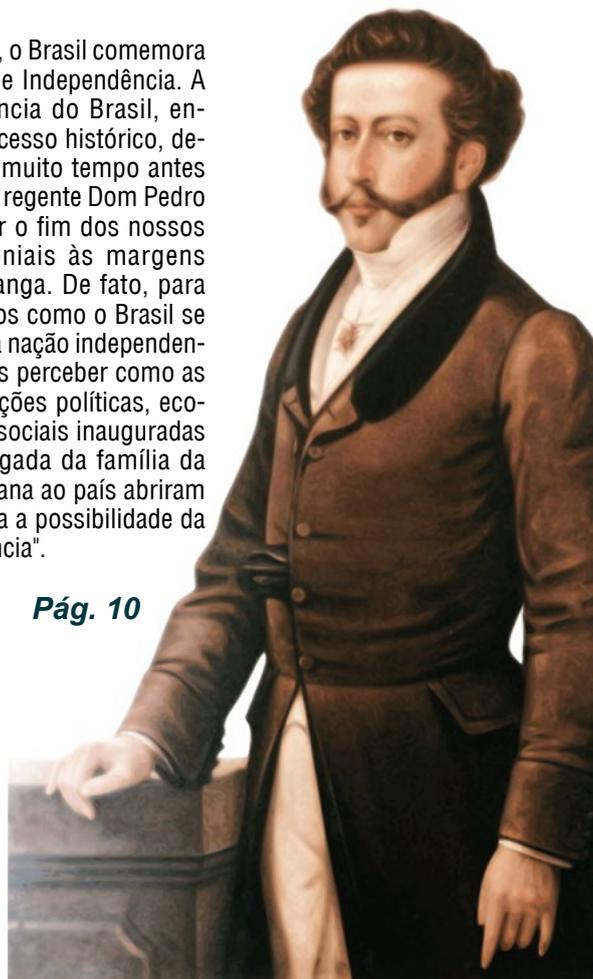
A importância de nossas conexões relacionais e espirituais com o mundo, consigo, com o próximo; de encontrar pleno sentido da vida, de crenças e valores nobilitantes, de ressignificação existencial. Somos dotados de dimensões corporais, de faculdades e potencialidades d'alma, a mais profunda individualidade que nos integram aos mundos superiores e à Divindade, mediante o indelével alicerçamento de valores morais e espirituais, dentre tantos o amor ao próximo, compaixão, altruísmo.

Segundo religiosos, os mundos físico, astral e mental moldam-se por leis próprias, havendo, uma conexão entre eles no mundo físico. No mundo físico, a qualidade ou condição mais evidente é a firmeza, solidez; no mundo astral essa qualidade rege-se pela intensidade dos desejos e quanto mais intenso é o desejo, mais ele se torna firme, consistente, "materializado". No mundo mental ou intelectual, a firmeza se manifesta na intensidade do pensamento. Ou seja, na travessia de um mundo para outro, as manifestações ou transformações se assemelham pela consistência, intensidade dos desejos e pensamentos. Assim, as pessoas, quando se apegam egoisticamente a objetos, a desejos, pensamentos (o viver apenas para si, isso é, trabalham forças centrípetas), elas se "petrificam", se enrijecem, gerando infortúnios, convulsões, especialmente em posição de poder e mando. Toda concentração egoística está, por conseguinte, em desacordo com a lei de Amor e da Benevolência Divina, a qual nos determina doar, servir, amar incondicionalmente!

A Independência do Brasil

Em 2022, o Brasil comemora 200 anos de Independência. A independência do Brasil, enquanto processo histórico, desenhou-se muito tempo antes do príncipe regente Dom Pedro I proclamar o fim dos nossos laços coloniais às margens do rio Ipiranga. De fato, para entendermos como o Brasil se tornou uma nação independente, devemos perceber como as transformações políticas, econômicas e sociais inauguradas com a chegada da família da Corte Lusitana ao país abriram espaço para a possibilidade da independência".

Pág. 10



Ah, a Festa de Julho...

Mal termina, a tradicional Festa de Julho deixa saudades em São Tiago. Também pudera: é uma mistura de devoção religiosa com boa comida na mesa, encontros grandiosos e valorização das raízes. Em mais um de seus artigos, Marcus Santiago rememora o evento que aquece e encanta a comunidade. Para isso, "viaja" ao período entre 1970 e 1990.

Pág. 13

O simbolismo da vieira

Devotos de São Tiago sabem bem: em toda a simbologia envolvendo o santo, uma das mais emblemáticas é justamente a da vieira. Em Santiago de Compostela, aliás, ela é abundante em todos os trajetos percorridos pelos peregrinos. E não faltam histórias para tentar explicar o porquê.

Pág. 17

ADIVINHAS

- 1- O que é o que é: a última coisa que você tira antes de ir para a cama?
- 2- O que é o que é: não tem pés e corre, e tem leite e não dorme?
- 3- O que é o que é: sobe e desce, mas nunca se move?
- 4- O que é o que é: o lápis disse para o apontador?

Respostas: 1- Os pés do chá. 2- O rio. 3- A temperatura. 4- Estou desapontado.

Provérbios e Adágios

- Cada um tem seus seis meses (cada um tem seus problemas para resolver)
- Galinha tem toda cor, mas todo ovo é branco
- Suspiro de vaca não arranca estaca
- Riqueza é como sal: só serve para temperar

Para refletir

FRASES DE SIGMUND FREUD:

- “Se você ama, sofre. Se não ama, adocece”
- “Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio”
- “Nós nunca somos tão desamparadamente infelizes como quando perdemos um amor”
- “Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada”
- “Olhe para dentro, para as suas profundezas. Aprenda primeiro a se conhecer”

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Diélle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e

Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

AO PÉ DA FOGUEIRA O MARCENEIRO ATRAIÇOADO

Aprendera com o pai, desde a mais tenra idade, o ofício de marceneiro, tornando-se, modestia à parte, assim dizia e se considerava, um mestre da madeira. O pai, italiano da gema, oriundo da região de Verona, viera jovem para o Brasil, fugindo ao recrutamento militar, fins do século XIX, época, então, de grandes convulsões econômicas e de guerras com os austríacos. Contava que seu pai viera escondido furtivamente, em meio a caixas e contêineres de remédios. Soldados do governo tinham por hábito, nos portos, esperar baionetas nos volumes e cargas despachados, pois sabiam do expediente utilizado por desertores de se ocultarem no interior de carregamentos. Muitos dos fugitivos acabavam assim mortos ou terrivelmente feridos, se atingidos pelas baionetas e sabres.

Estabelecendo-se na região de São João del-Rei, juntamente a outros tantos colonos, o pai trabalhara duro inicialmente em serviços de construção civil, cerâmica, caieiras, até conseguir montar pequena oficina de serraria e marchetaria e que ele, o filho mais velho, habilidoso no ofício, viria a herdar, tomando a velha marcenaria num grande e respeitado empreendimento. Dos outros três irmãos, duas eram mulheres que viriam a se consorciar com jovens locais, tomando destinos próprios; o outro irmão optara pela carreira militar.

Passara a marcenaria a atender toda a região, trabalhando de forma diversificada, na produção de móveis planejados e personalizados, atendendo pedidos de turistas, consumidores bem aquinhoados, muitos deles residentes em grandes centros urbanos e capitais e até mesmo no exterior. Também especializara-se na reforma e restauração de móveis antigos, os mais variados estilos, processos decorativos e de fino acabamento. Trabalhava, enfim, desde o artesanal até o industrial de ponta. Sentiu-se sempre aquinhoadado por Deus, que lhe dera inteligência, habilidade, conhecimento para trabalhar, lapidar a madeira, preenchendo-a de entalhes, os mais belos cortes e recortes. Casado com jovem da colônia italiana, de cujo consórcio vieram cinco filhos, três homens e duas mulheres que buscou educar e orientar dentro de sadios princípios familiares e cristãos.

De pequeno e acanhado galpão, a oficina passara a ocupar, com o tempo, quase toda a quadra, onde o barulho de tupias, plainas, serrotes, lixadeiras, formões, martelos, rotativas, esmeris, desempenhadeiras, serras circular e tico-tico, graminho, formavam, por vezes, uma sinfonia histórica, surreal. Tábuas, toras, lâminas, portas, portais, alisares, caixilhos, treliças, entalhos, armários, frontões de lareiras compunham e complementavam, em meio ao grupo de operários, o cenário laborioso da empresa, motivo de orgulho do proprietário, família e todo o bairro.

Os negócios, contudo, com o tempo, principaram a fracassar, na verdade reduziram-se as encomendas, dada a crise econômica do País, marcada pela inflação incontrolada, desemprego, confisco de depósitos bancários, governos alocados. Não parariam aí os entraves.

Tinha ele um velho amigo e compadre, padrinho de batismo de uma de suas filhas, residente no Rio de Janeiro, que o ajudava a vender e a colocar peças produzidas na serraria. Não era algo direto, mas circunstancial. O compadre, que era vendedor autônomo, residente há décadas na antiga capital do País, ali comercializava produtos lácteos diversificados; oferecia também a clientes cariocas os móveis de produção do compadre, mediante amostras de catálogos e fotos fornecidas pelo marceneiro. Ocorrendo alguma venda processada pelo compadre, aliás poucas peças ao ano, ei-las conduzidas até o destinatário pelos veículos da serraria. Passam-se assim anos...

Certa feita, o compadre “carioca” telefona ao marceneiro, informando-lhe que estava providenciando a “papelada” para se aposentar. Afinal, já tinha ultrapassado, há algum tempo, a casa dos sessenta. Necessitava, assim dizia o vendedor, de uma declaração da firma produtora dos móveis de que ele atuava como intermediário nas vendas, ainda que eventualmente. Apenas formalidade, dizia o compadre. “Para reforçar a comprovação de contribuinte junto à Previdência Social, pois dispunha ele, assim justificava, já de farta documentação, não sendo, decerto, tão importante a declaração oriunda da serraria. Ingenuamente, o marceneiro fornece a declaração. Dali a 50, 60 dias é notificado pela Justiça Trabalhista. O compadre, de posse da declaração, entrara com pesada ação requisitando a totalidade de direitos em função de “vendedor exclusivo da serraria” no Estado do Rio de Janeiro. Uma ação milionária para a época, cujos bens e posses da serraria não foram suficientes para cobrir os custos do traumático processo, levando o laborioso empresário à derrocada.

Fora atraído pelo amigo e compadre de décadas!



Realização:



Apoio:



3ª edição do Concurso Literário da Biblioteca Comunitária no Cerrado

Ganhador 1º lugar: **Geraldo Eustáquio Lara.**

Tema: **“Boia-fria”**

Texto: **Carne Moída**

O Concurso Literário tem como objetivo "incentivar as pessoas na escrita criativa", pois todos têm grandes histórias a contar e também divulgar o que é escrito.

Nesta 3ª edição o concurso literário trouxe como tema e imagem "Boia-fria".

Destacando os diversos olhares que cada um traz sobre o tema que ainda é uma realidade atual, desde as pequenas roças até as grandes fazendas, fazendo parte também da rotina de muitos trabalhadores urbanos.

A Biblioteca Comunitária no Cerrado busca sempre, por meios de projetos simples, valorizar a Cultura, a Escrita e principalmente o convívio em comunidade.

Diogo Fernando da Silva



CARNE MOÍDA

Sem conseguir dormir, deitado no colchão duro e sujo pensa na volta para casa. Já antegozava a viagem. Ah, felicidade pura! Imagina a paisagem tão familiar, tão familiar que não saiu da mente um só dia. Apesar destes dois anos longe, ainda sente o cheiro da terra, do mato, do ar, estão entranhados em seu corpo. Seu corpo cheira a terra, a mato. Pensa na chegada: o abraço nos filhos, na mulher, nos familiares, que com certeza, estarão à espera. Mais tarde o abraço dos amigos.

Há exatamente dois anos deixou sua terra, sua casa, seus amigos, sua família e foi em busca de uma vida melhor. Partiu com destino as plantações de cana no interior do estado de São Paulo. Lugar onde corria dinheiro, lugar do sujeito enriquecer, era o que diziam. Ele mesmo nunca havia conhecido alguém que tivesse enriquecido, mas o dono da venda contava que um primo trabalhou lá e quando voltou comprou terra, virou fazendeiro. Outro dizia que um conhecido mudou, levou a família, enriqueceu, voltou de carro e gastando à soberba. Embalado pelas narrativas e pelo sonho de ter e dar uma vida melhor para a família, partiu. Partiu com o coração dilacerado, mas com a alma cheia de esperança.

Logo a realidade se revelou bem diferente das narrativas. As moradias nada mais eram do que barracos (perto deles sua casinha parecia um palácio) onde se amontoavam várias pessoas. Os colchões duros e sujos traziam a saudade da cama simples, mas limpa e cheirosa de casa. No primeiro dia já ficaram claras as intenções sob as quais trabalhariam: o trabalho desgastante, a fuligem da cana queimada que entrava no nariz e nos poros, tornava a respiração difícil, o calor a desidratar. O capataz preveniu: tomem muita água para não desidratarem, pois se não aguentar trabalhar a empresa desconta os dias parados. Ao final do dia o corpo já não aguentava mais – de cinco da manhã às cinco da tarde – a vontade de parar era enorme, mas era preciso continuar, pois o salário era por produção. No final do mês a recompensa por tanto sacrifício. A ansiedade de receber o primeiro salário. Quantos planos: o dinheiro para a despesa da família, mais um pouco para comprar uma roupinha melhor para os meninos, um vestido vistoso para a mulher. É decepção com a realidade. Desconto da comida, dos equipamentos de trabalho, do local para dormir, e mais isso e mais aquilo, no final o dinheiro recebido mal dava para as despesas do dia a dia. Onde está a riqueza? A opulência? A felicidade? Pensou em ir embora. Não, tinha que

insistir mais um pouco. Quem sabe depois melhorava. Continuou trabalhando dia após dia, de sol a sol, cada dia se esforçando mais. Começou a fazer uns bicos aos domingos – era um dinheirinho extra. Apesar de tudo ainda conseguia mandar algum dinheiro para a família. A esperança o movia.

Ao fim da safra se viu sem emprego, sem moradia, sem nada. O acerto com a empresa não dava nem para um mês. Foi procurar um emprego. Para um sujeito analfabeto, sem profissão arrumar um emprego não era tarefa fácil, mas a vontade de vencer era maior, a lembrança da família e a esperança de voltar rico para o sertão o animavam. Sobreviveu até o início da safra quando então retomou a rotina do serviço desgastante, mas de salário garantido, apesar de pouco. Economizava tudo que podia. Um dia trabalhou tanto, com tanto afinco que esqueceu de tomar água. No meio da tarde sentiu as botas de borracha encharcadas de suor, os músculos dormentes, as vistas embaçadas, sentiu que ia desmaiar, desmaiou. Acordou no hospital tomando soro. Foi mandado embora para casa com a recomendação de ficar dois dias de repouso. No outro dia já estava trabalhando. Sabia que teria os dias descontados. Não podia se dar a esse luxo.

Assim consumiu dois anos de sua vida, no sonho de uma vida melhor para si e sua família. Conheceu companheiros que já estavam nessa lida há muito tempo, começou a frequentar as reuniões do sindicato dos trabalhadores. Foi quando tomou consciência que, na verdade, só o dono lucrava. Todo o resto nada mais era que objeto gerador de lucro para o patrão. Quanto mais o patrão lucrava, menos eles ganhavam. De repente a realidade descortinou ante seus olhos e percebeu que, dia após dia, seu corpo era carne moída para alimentar a ganância do patrão e que, enquanto continuasse ali, nem essa carne moída teria direito a comer.

O cansaço, a desilusão, a saudade lhe consumiam. Há quanto tempo não via os filhos? Há quanto tempo não sentia o calor do corpo da mulher amada? Quando percebeu que o sonho nunca seria realidade e a saudade já era uma dor insuportável decidiu ir embora. Guardou os sonhos no fundo da mala e a frustração no fundo da alma, mas partiu com a imensa alegria de voltar para os seus, de retornar sua vidinha de sertanejo cheirando a poeira e mato. Agora sim, um sertanejo, e não mais o boia fria do canavial.

Geraldo Eustáquio Lara

CONSTRUTORES DA HISTÓRIA LOCAL -MANOEL MARQUES DE CARVALHO

A figura de Manoel Marques de Carvalho, embasada em sua condição de sesmeiro e mestre construtor da igreja de São Tiago, distingue os pródomos da história local – meados do século XVIII. Uma personalidade, ademais, de atuação além-fronteiras, porquanto desbravador do território mineiro, semeador da fé, da lei e de cidades levadas aos sertões do São Francisco, em especial Piumhi e São Roque de Minas, onde igualmente possuiu fazendas e implantou capelas.

Manoel Marques de Carvalho receberia em 22-08-1766 uma sesmaria “matas virgens de capoeiras no bairro São Tiago Maior

e Santana” (Cód. SC-140, fls. 194), provavelmente a Fazenda das Laranjeiras, passada ao Cap. João Rodrigues de Faria aos 13-02-1767. Em 24-05-1766 fora agraciado com sesmaria no “sertão do rio São Francisco” hoje Piumhi/São Roque de Minas (Cód. SC-140, fls. 179)

O Dr. Luz Antonio Gonçalves Lindquist, médico gastroentomologista em Araraquara/SP, penta-neto de Manoel Marques de Carvalho vem pesquisando a vida e obra de seu ilustre antepassado, com relevante enriquecimento da história local, tendo nos repassado trechos de seu trabalho e que, a seguir, reproduzimos.

Da Família, pioneiros em São Tiago de Minas Gerais.

Primeira raiz– Os Marques de Carvalho

O jovem Manoel Marques de Carvalho (n. 5 maio de 1727- Ruivães- Vila Nova de Famalicão –Braga-PT)

Filho de Gabriel Marques de Sá e Escolástica Pereira dessa mesma vila, foi Casado com Mariana onde tiveram Maria Marques de Carvalho em 1752, depois enviuvou-se.

Desde então Manoel percorria sem rumo terras da grande região de Braga, sentia no ar e na paisagem o peso de uma região, colhida pela falta de oportunidade. O crescimento da população pelo advento de melhoria dos cuidados a saúde, significativas para a época, como alguns cuidados de higiene, elevaram a massa populacional, fazendo as oportunidades de terra e trabalho se esgotarem ao limite, fome e falta de dignidade permeavam as vilas, se extinguíam os sonhos.

Seu vigor pedia a busca do além mar onde notícias de terra sem limites e ouro e riquezas sem fim , alimentavam o imaginário da população. O sangue luso fervilhava nas veias, e a decisão foi tomada, partiria para o Brasil, construiria uma vida de realizações e futuro brilhante.

Não sabia o que enfrentaria, mas o faria a qualquer custo, e teria de vencer.

Partir era necessário, a viagem não seria tranqüila, seriam de navios a vela , cerca de três a seis meses de viagem num navio com condições precárias ,onde a fome era comum pela escassez e qualidade dos alimentos. Ao sabor dos ventos, a contar com os favores da natureza, calor e umidade, odores nada agradáveis , espaços reduzidos de habitação e outros incômodos gerais.

Depois disso em terra a agressividade de um mundo novo, onde as oportunidades de posos eram raras e as precárias e no caminho insetos e pragas de toda a espécie os incomodavam.

Mas não terminava por aí na chegada atravessar o caminho novo, iniciava-se no Rio de Janeiro, durava até meses dependendo do clima (normal 10 a 17 dias), por matas com perigos e serras nada tranquilas, toda mercadoria em lombo de mulas e de escravos, passando pelos postos de Registros fiscais que controlavam e cobravam pedágio e impostos. Após 6 dias de caminhada, correndo as vista no Rio Paraíba , sempre no mato fechado, chegou a um posto de fiscalização na entrada das Minas denominado Várzea dos Três Irmãos, no oitavo dia passa por uma localidade chamada Juiz de Fora, no décimo dia chega a Palmira, no décimo primeiro dia chega a Mantiqueira, onde a vegetação já é rasteira , chegando então a Borda do Campo.

Que determinação o movia a enveredar por sertões mesmo com altíssimos riscos, o que fazia esse intrépido a não desistir nunca, apesar dos percalços.

Até chegar em São Tiago termo da Vila de São José Del Rey, onde veio a residir, a muitas refregas teve que se submeter. Mas sem dúvida , página virada, era necessário crescer e criar raízes , casa-se em 4 de abril de 1761 com Tomásia Maria Xavier em Barbacena, morando em S. Thiago Termo de São José del Rey . Thomásia era filha de Francisco Xavier de Souza e Esperança do Rosário, vindos de Açores Ilha do Pico.

Família na figura 1.

Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, Volume 17, página 746, 1895.

Francisco de Paula Marques de Carvalho.

Memoria historica da fundação da capella do Sant'iago o Santa Anna (hoje freguezia), entre os rios do Peixe e Jacaré, comarca do rio das Mortes em Minas-Geraes, no anno de 1760, pelo architecto Manoel Marques de Carvalho, escripta e offere-

Em São Tiago ele edificou a 1a Capela.

Solicita então em 1766, para o Governador da Província de Minas as terras no Sertão do São Francisco, para criar gado vacuum , o que lhe é concedida. Essa sesmaria era terra para lá de grande, equivale a 1 légua de testada por 3 de fundo , uma légua equivale a 6.600 metros. A conta era essa 6.600 X 19.600 = 129.360.000 metros , ora dividindo-se por 10 mil m2 de 1 hectare, equivale a cerca de só 13.068 hectares !!!!!!!

Que pelas normas deveriam ser cuidados pelos próprios meios do proprietário, que obviamente era missão impossível.

Estaria certo do que tão dura empreitada, na região chamada de “sertão desconhecido”, lhe traria? Existiam por lá quilombos inúmeros e índios caiapós , parte já rechaçados aos sustos, por incursões de Ignácio Correia Pamplona em 1765 e outras. Numa região já tentada de se colonizar pela picada de Goiás e várias picadas, em que sesmeiros eram instalados ao longo da mesma e as abandonavam.

O interesse de Manoel era comum aos homens da época, achar talvez algum metal precioso e ou terras férteis. Mas que imagem deslumbrante não teve depois de chegar a uma região virgem com a beleza da Serra da Canastra como horizonte, de uma região virgem, o por do sol , de tons dourados , fervilhavam sua imaginação, que tesouro escondida aquelas terras abençoadas, seriam a terra prometida no novo mundo. Em 1768 ergue uma Ermida aos Céus em louvor a São Roque em terras de sua Fazenda , fundando nesse ato a Cidade que viria a ser depois São Roque de Minas.

Sua família que vivia então em São José teriam que partir para o Sertão bravio . Seu filho homônimo Manoel Marques de Carvalho II, casa em São João del Rey com Rosa Maria dos Anjos, tem 2 filhas nessa cidade e segue depois para São Roque de Minas, em 1798 nasce seu filho José Francisco de Paula Marques , batizado na Capela de São Roque.

Sobre Manoel Marques de Carvalho ver matérias em nosso boletim nº CXXXI – agosto/2018

PEQUENA CRONOLOGIA

05-05-1727 – Manoel Marques de Carvalho nasce na freguesia de Ruivães, Vila Nova de Famalicão, termo de Barcelos, arcebispado de Braga, filho de Gabriel Marques de Sá Carvalho e Escolástica Pereira.

1751 – Manoel Marques de Carvalho casa-se em Portugal com D. Mariana, de cujo enlace têm a filha Maria (1752)

c.1754/1758 – Enviuvando-se, Manoel Marques migra para o Brasil, fixando-se na região de São Tiago

04-05-1761 – Casa-se em Barbacena com D. Tomásia Maria de Jesus, natural daquela cidade, filha de Francisco Xavier de Souza e Esperança do Rosário

24-03-1766 – Concessão pelo Governo Colonial de sesmaria de “três léguas de terra em o sertão do Rio São Francisco” (APM SC.140, 1ª secção, 1764-1766, fls. 179)

22-08-1766 – Concessão pelo Governo Colonial de sesmaria de “meia légua de terras” a Manoel Marques de Carvalho “morador bo Bairro São Tiago Maior e Santana, termo da Vila de São José...” (APM SC-140, fls.194)

15-08-1764 – Batizado da filha Maria na capela de São Tiago, sendo padrinhos Domingos Alves Gomes e s/m Ana Barreto

15-08-1791 – Casamento do filho Gabriel Marques de Sá Carvalho com Joaquina Maria de Jesus na capela de São Tiago.

Os Ávila Raposo (site projeto.compartilhar.org)

Família de origem açoriana que na primeira metade do século XVIII chegou ao Sul de Minas, mais especificamente em Barbacena. O casal tronco foi João de Ávila Raposo e Maria do Rosário, ambos já falecidos em 12-09-1757, deixando vários filhos, dos quais descobrimos os seguintes:

1- Esperança do Rosário, natural da freguesia de N. Sra. da Piedade da Ilha do Pico. Casou em Barbacena aos 22-5-1742 com Francisco Xavier de Souza, nascido por 1727 na freguesia de N.S. da Conceição da mesma ilha, filho de Manoel de Azevedo Souza e Francisca da Conceição - família Bernardo José Pinto, neste site.

Barbacena - aos 22-5-1742, na matriz, Francisco Xavier de Souza, n. da freguesia de N. Sra. da Conceição da cidade de Angra, f. l. de Manoel de Azevedo Souza falecido e de Francisca da Conceição, com Esperança do Rosário, n. da freguesia de N. Sra. da Piedade da Ilha do Pico, filha l. do Capitão João de Ávila e Maria do Rosário Esperança e Francisco foram pais de, pelo menos:

1-1 Tomasia Maria de Jesus, batizada em Barbacena aos 07-05-1743

Barbacena, MG aos 07-05-1743 nasceu Thomazia, f.l. de Francisco Xavier de Sousa e de Esperança do Rosário, e aos nove de abril do dito ano foi batizada na capela do Ribeirão desta freguesia; foram padrinhos Manoel Machado e Maria Antonia. Neta paterna de Manoel de Azevedo e de s/m Francisca da Conceição da freguesia de N. Sra. da Conceição da cidade de Angra, neta materna de João Davila e s/m Maria do Rosário, da freguesia de N. Sra. da Piedade da Ilha Terceira.

Aos 04-05-1761 Tomasia casou com **Manoel Marques de Carvalho**, natural da freguesia de Ruivães, termo de Barcelos Arcebispado de Braga, filho de Gabriel Marques de Sá e Escolástica Pereira.

Barbacena, MG aos 04-05-1761 nesta matriz se receberam Manoel Marques de Carvalho, natural e batizado na freguesia de S. Salvador de Ruivães termo de Barcelos Arc. Braga, f.l. de Gabriel Marques de Sá e de Escolástica Pereira = com Thomasia Maria de Jesus, n/b nesta freguesia, f.l. de Francisco Xavier de Souza e de Esperança do Rosário. Foram testemunhas Jaco Dias de Carvalho e Jose de Crasto Pinto, moradores nesta freguesia.

Pais de, q.d.:

1-1-1 Maria, batizada na capela de S. Tiago aos 15-08-1764.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, capela S. Tiago e Santana aos 15-08-1764 Maria, f.l. Manoel Marques de Carvalho e Tomasia Maria de Jesus, padr.: Domingos Alves Gomes e s/m Ana Barreto.

1-1-2 Marcelo, nascido aos 30-10 e batizado aos 10-11-1767 em Barbacena, foram seus padrinhos o tio materno José e Luzia dos Anjos mulher de Manoel Machado.

Batismos Barbacena - matriz aos 10-11-1767 MARCELO nascido aos 30-10-, f.l. de Manoel Marques de Carvalho natural da freguesia de Ruivaens Arc. de Braga e s/m Tomasia Maria natural desta; np de Gabriel Marques de Carvalho e s/m Escolástica Pereira naturais da ditas freguesia de Ruivaens; nm de Francisco Xavier de Souza e s/m Esperança do Rosário, naturais da ilhas. Padr.: Joze, filho do mesmo Francisco Xavier de Souza e Luzia dos Anjos mulher de Manoel Machado, moradores nesta.

Marcelo Marques de Carvalho aos 19-10-1797 em Tiradentes-MG casou com

Teodora Vicencia de Jesus, filha de Pedro Machado Ferreira e Rosa Mariana de Borba, família "Pedro Machado Ferreira".

São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, cas. 19-10-1797; S. João Batista; Marcello Marques de Carvalho; f. Manoel Marques de Carvalho e Thomazia Maria de Jesus; n. Barbacena; = cc. Teodora Vicencia de Jesus; f. Pedro Machado Ferreira e Rosa Mariana de Borba; n. São José del Rei

Pais de, q.d., batizados em Tiradentes:

1-1-2-1 Pedro, aos 07-07-1799

São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - aos 07-07-1799 S. João Batista, Pedro, f.l. Marcelo Marques de Carvalho e Teodora Vicencia de Jesus, padr.: Alf. Mathias Francisco de Vargas e Maria Antonia de Jesus.

1-1-2-2 Maria, aos 06-09-1801, padrinhos Cap. João Gonçalves de Mello e s/filha D. Maria Candida de Santa Ana.

1-1-2-3 Vicencia, aos 01-08-1803, padrinhos Custódio Machado Ferreira e Mariana Rosa de Borba.

1-1-2-4 Manoel, aos 27-02-1806, padrinhos Mateos Glz da Costa e D. Bernardina da Silveira com pp a Maria Antonia de Jesus

1-1-2-5 Francisco aos 02-03-1806, padrinhos Cap. Pedro Roiz e D. Ana Maria.

1-1-2-6 Teodora, batizada no ano de 1806.

B7: São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - Livro Suplementos, no ano de 1806 S. João Batista, Teodora, f.l. Marcelo Marques de Carvalho e Teodora Vicencia de Jesus, padr.: Pedro Machado de Carvalho e D. Mariana de Belem mulher do Cap. Joaquim da Silva Leão, todos desta freguesia.

1-1-2-7 Pedro aos 22-01-1808, padrinhos Pedro Machado e D. Mariana da Silveira.

1-1-2-8 Geremias aos 05-11-1809, padrinhos Custódio Machado Borges e Joaquina Teresa de Jesus.

1-1-3 Gabriel Marques de Sá aos 15-08-1791 casou com Joaquina Maria de Jesus, filha de Manoel da Costa Afonso e Ana Maria de Jesus. Geração na família "Costa Afonso".

B7: Matriz de Nossa Senhora do Pilar SJDR e capelas filiadas aos 15-08-1791 Capela de São Tiago, Gabriel Marques de Sá, f.l. Manoel Marques de Carvalho e Tomazia Maria de Jesus, n/b na freguesia de ----; = cc. Joaquina Maria de Jesus, f.l. Manoel da Costa Afonso e Ana Maria de Jesus, n/b nesta mesma freguesia. Test.: João Caetano de Santa Ana e Joaquim Machado Rodrigues.

1-2 Luzia dos Anjos, nascida aos 15-09-1745 em Barbacena onde aos 31-05-1762 casou com Manoel Machado de Miranda, natural de São Salvador de Rivães, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, filho de Agostinho Machado e de Jerônima Pereira

Manoel Marques de Carvalho II.

Mas por ai começa a ser dificuldade da permanência em Minas, o ciclo do ouro estava em declínio há anos, as terras não eram tão produtivas, oportunidades novas surgiam e a população migrava pra São Paulo em busca de terras férteis. Migrou então Manoel II, em 1804 para Vila Franca, como muitas famílias mineiras.

Chega a uma região nova em formação, mas já com ares de se tornar uma grande cidade e como de tradição familiar religiosa já procura a construir a primeira Capela e foi o arruador da cidade.

Em 1822 foi nomeado Alferes de Ordenanças da 2a Companhia de Infantaria.

Foi escrivão da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de 1805 a 1815

Foi Juiz de Paz.

JOÃO RODRIGUES DE FARIA

Sesmaria

Arquivo Público Mineiro - Belo Horizonte - MG

SC 140 – 235 – 236v – João Rodrigues de Faria

[f 235] Luis Diogo Lobo da Silva do Conselho de Sua Magestade Fidelissima Comendador da Comenda de Santa Maria de Moncorvo da Ordem de Christo Governador e Capitam General da Capitania das Minas Gerais e etc. Faço saber aos que esta minha carta de sismaria virem que tendo respeito a me representar por sua petição João Rodrigues de Faria morador na Vila de Sam José, Comarca do Rio das Mortes, que elle se achava roçando e plantando em huas terras sitas em a ponta da Serra da Ibituruna chamada a parajem das Laranjeiras, que ouvera por compra que elle lhas fizera a Manoel Marques de Carvalho, e sua mulher como tambem em outras mistrear as mesmas, por compra que fizera a Eugenio Martins de Mello, e a sua mulher, as quaes partião por hua banda com as da viuva que ficara de Bento Pinto; por outra, com as de Manoel Teixeira; por outra com as de João Baptista; e por outra com as de Manoel de Medeiros, e com quem mais devão, e hajão de partir; e porque as queria possuir com legítimo titulo de sismaria; pedindome lhe concedesse nellas, meia legoa de terra em quadra, para que debaixo desta ficassem comprehendidas as de hua, e outra compra; e para a medição e demarcação se fizesse o pião onde mais conveniente fosse tudo na forma das ordens de Sua Magestade ao que attendendo eu, e ao que responderão os Officiaes da Camara da Villa de Sam José, e os Doutores [f 235 v°] e os Doutores Desembargadores Provedor da Real digo Provedor da Fazenda, e Procurador da Coroa, e Fazenda desta Capitania a quem ouvi deselhes não offerecer de vida alguma na concecção, visto ter o suplicante justificado por testemunhas na forma da ordem do dito Senhor, não ter outra sismaria, nem pertender esta para alguma outra pessoa e taobem por não encontrarem inconveniente que a prohibisse, pela facultade que Sua Magestade me permite nas Suas Reaes Ordens, e ultimamente na de 13 de abril de 1738 para conceder sismarias das terras desta Capitania aos moradores della que mas pedirem. Hei por bem fazer mercê/ como por esta faço/ de conceder em nome de Sua Magestade ao dito João Rodrigues de Faria, meia legoa de terra em quadra, sem interpolação de outras ainda que sejam inúteis na referida parajem nas das compras de que trata e se acha cultivando, não sendo as mesmas terras em todo ou parte dellas em areas prohibidas por prejudiciaes aos Reaes Interesses, e dentro das confrontaçoens mencionadas, fazendo pião a onde pertencer: com declaração porém que será obrigado dentro em hum anno que se contará da data desta a de marcala judicialmente, sendo para esse efeito notificados os vizinhos com quem partir para allegarem o que for a bem de sua justiça, e elle o será também a povoar, e cultivar a dita meia legoa de terra ou parte della/ nam o

tendo já feito/ dentro em dous annos, a qual não comprehenderá ambas as margens de algum Rio navegavel, porque neste caso, ficará de hua, e outra banda delle, a terra que baste para o uso publico dos passageiros, e de huma das bandas junto a passagem do mesmo Rio se deixará livre meia legoa de terra para comodidade publica, e de quem arrendar a dita passagem, como determina a nova ordem do dito Senhor de onze de Março de 1754, reservando os Sítios dos vezinhos com quem partir a referida meia legoa de terra desta sismaria, suas vertentes e logradouros, sem que elle com este pre [f 236] texto se queirão apropriar de demasiadas em prejuizo desta mercê que faço ao suplicante o qual não impedirá a repartição dos descobrimentos de terras minerais, que no tal Sítio hajão, ou possam haver, nos caminhos estradas, e serventias publicas que nelle houver e pelo tempo adiante pareça conveniente abrir para melhor utilidade do bem commum, e possuirá a dita meia legoa de terra com condição de nelas não succederem Religioens, Igreja, ou Eclesiastico por titulo algum, e acontecendo possuilla será como encargo de pagarem della Dizimos como quaesquer seculares; e será outro sim obrigado a mandar requerer a Sua Magestade pelo seu Conselho Ultramarino confirmação desta carta de sismaria dentro em quatro annos, que correrão da data desta em diante, a qual lhe concedo salvo o direito Regio, e prejuizo de terceiro, e faltando ao referido não terá vigor, e se julgará por divoluta a dita meia legoa de terra, dando-se a quem a denunciar tudo na forma das ordens do dito Senhor. Pelo que o juis a que tocar, dê posse ao suplicante da referida meia legoa de terra em quadra /nas das compra de que trata/ não sendo esta em parte ou todo della em areas prohibidas que devidem esta Capitania das do Espirito Santo, Rio de Janeiro, e São Paulo, ou em outras de que possa resultar prejuizo aos Reaes Interesses, porque em tal caso, se lhe não dará a dita posse, nem terá efeito esta concessão, feita primeiro a demarcação, e notificação como nesta ordem de que se fará termo no livro a que pertencer, e assento nas costas desta para constar o referido. E por firmesa de tudo lhe mandei passar a presente por mim asinada e sellada com o sinete de minhas Armas que se cumprirá inteiramente como nella se contém, registandose nos livros da secretaria deste Governo, e onde mais tocar. Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar do Ouro Preto a treze de Fevereiro Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e Sessenta e Sete. O Secretario do Governo de Minas Geraes José Luis Saiam [f 236 v°] Saiam a fez escrever // Luis Diogo Lobo da Silva

CINE ODEON

Como em São Tiago, o nome “Cine Odeon” é usado em várias cidades, estados e países. O cinema mais antigo e charmoso em Florença preserva este nome até hoje.

Data-se de 1895, a criação do cinema mudo e de 1920 a criação do filme colorido, sendo o primeiro no Brasil “Destino em Apuros”, comédia de Ernesto Remanie, em 1953. O cinemascope data-se de 1953/1967 com “The Robe” produzido pela Fox. O primeiro filme com som surgiu em 06 de outubro de 1927, onde o ator falava e cantava com sua voz gravada em áudio, “O cantor de Jazz”.

Era meados de 1940, o cinema chega a São Tiago. Os filmes vinham a cavalo da Estação João Pinheiro, levando até oito horas entre vinda/ida. A máquina de exibição era tocada a manivela.

Em 12 de abril de 1952 foi inaugurado com o filme “Sonho da Manhã” sob a direção do Sr. Glauro Resende Castro que na época tinha apenas 23 anos. Ele levou dois anos para construí-lo e com muita dificuldade contando com empréstimos feitos entre familiares e amigos. Contava com um projetor “Drefray” (patente da Marinha Americana) que fora doado inicialmente à Paróquia de Santa Rita (Ritápolis) por um candidato a deputado estadual de nome Aurélio Guimarães. Como ele não ganhou a eleição, tomou o projetor da cidade e o vendeu para o Cine Odeon.

O prédio foi projetado com desnível no piso e com 400 cadeiras de madeiras confeccionadas na capital. Na parte superior próximo a cabine, havia mais 100 lugares em arquibancadas. Após os filmes no final de semana, o salão transformava em uma sala de baile, com orquestra, etc.

Durante 10 anos, Sr. Glauro locava os filmes diretamente da companhia cinematográfica, em seus gêneros variados: bíblicos, bang-bang, épicos, românticos, etc.

No passeio do ponto do ônibus de São João a Divinópolis, as enormes bobinas eram colocadas nos dias de exibição e ficávamos olhando, curiosos, conjecturando como seriam os filmes. Praticamente era a nossa única diversão do final de semana passear na avenida enfrente e ir ao cinema.

A sensação da compra do ingresso era muito intensa, abaixar na janelinha oval para conversar com o funcionário lá de dentro, tudo clarinho, ver aquele monte de ingresso e contar as suadas moedas, era indescritível.



Depois, enquanto aguardávamos, ficávamos na avenida acompanhando o som do alto-falante com avisos diversos, oferecimento de músicas (Boleros, tangos) nas vozes de Carlos Galhardo, Vicente Celestino, Elvis Presley, Orlando Silva, Frank Sinatra, Ray Conniff, Valsas Vienenses, etc.

No corredor grande o cartaz com a propaganda do filme e pelas janelas da Pensão do Tio Tônico, via-se casais enamorados, cheirando a Lancaster e toque de amor, descendo a rampa numa áurea de felicidade.

A porta de saída ficava no fundo do bar do Sr. Orozimbo Castro, depois Tião Coité, sempre lotado de pessoas.

Em 1962, o cinema passou para os senhores Raul Wilson da Mata, José Oliveira Santiago e Jandir José de Almeida. Os bailes continuaram por um tempo, mas com a vinda da TV, o público foi-se esvaziando e aconteceu o término do cinema em São Tiago, que foi uma perda muito grande para a cidade, sem confirmação da data certa, mas com informações de pessoas mais idosas deve ter sido entre 1973 a 1975.

Fonte: Jornal Cidadania, Janeiro/2003

Maria Elena Caputo
 Professora/Psicóloga

BRINCADEIRAS INFANTIS - O COIÓ

• COIÓ (ou brincadeira de correr, correria) – antigo folgado ou jogo infantil de rua, próprio da meninada de outrora nas empoeiradas ruas interioranas ou de bairros periféricos. A fórmula: escolhia-se um dos participantes para ficar com o chicote (também chamado de vergõntea, cipó) com a função de perseguir os colegas. Quem fosse atingido (pelo chicote), automaticamente substituía o perseguidor na “correria” ou “manga”.

Os participantes entoavam refrões como esse:

- laranja da China
- tabaco em pó
- quem é o durão?
- sou eu só!
- olha que te pego
- não pega não
- ora bate, coiό!

Com o tempo, o termo “coiό” adquiriria várias conotações. Em fins do século XIX, inícios do século XX, passou a indicar o fã enamorado ou admirador persistente, quando não irracional, de atrizes teatrais e circenses, próprias da época. Eram os chamados “coiόs sem sorte”.

O termo passou a denominar, ainda, vários tipos de traques ou bombas utilizadas principalmente durante as festas juninas, que se acendiam pela fricção, queimando e estalando nas calçadas. O “espanta-coiό” era atirado aos pés dos namorados na conversa janeleira ou portão de rua, de forma a atrapalhar o idílio. Uma forma das famílias ou vizinhos “espantarem” o namorado ou ainda os rapazes ociosos e galanteadores que por ali apareciam tentando burlar a vigilância dos pais, e cuja presença atraía atenção e desconforto familiar-social.

O “chama-coiό” era um assobio fino, prolongado de uso privativo das meninas mais “sapecas” e “saidinhas”, buscando atrair candidatos distraídos ou transeuntes. “Pega-coiό” assim se denominava pequena volta circular ou em forma de anel do cabelo da testa das mocinhas. Já o hábito de se colocar o cachimbo lateralmente, paralelo a orelha, recebera, á época, o epíteto “pega rapaz”. Em tempos mais recentes, o termo “coiό” passou a denominar pessoa simplória, palerma, matuto.



REGISTRO PAROQUIAL DE TERRAS PARÓQUIA DE SÃO TIAGO 1855 1856

Nos termos da Lei n. 601 de 18/09/1850 (Lei Imperial de Terras), regulamentada pelo Decreto n. 1318 de 30/01/1854, os imóveis rurais de todo o País deveriam ser registrados junto às paróquias ou capelanias locais, o que ocorreria em toda a nossa região. Entre nós – distrito de São Tiago - caberia ao pároco Pe. José Mendes dos Santos (1784- 1868) acolher os devidos registros, por ele lançados, de próprio punho, no livro competente (TP n. 210 – 1855-1856) conforme termo de abertura:

“Servirá este livro para o Registro das Terras desta Freguesia, conforme o disposto no n. 103 do Regulamento de 30 de Janeiro de 1854, indo todas as folhas por mim numeradas e rubricadas com o apelido = Mendes = de que uso no termo de encerramento – 1º declara/rão as folhas que contém do que para constar faço este termo de abertura que assigno. Sam Thiago, 8 de outubro de 1855 – O vigário Encomendado José Mendes dos Santos”.

Os registros destinavam-se à legitimação da aquisição e posse da terra e como eram processados pelos interessados/declarantes junto às freguesias daquele tempo, passaram a ser chamados/conhecidos popularmente como “registro do vigário”.

Dentre o material acessado – protocolo n. 1035 APM, ao todo 92 propriedades procederam ao registro, sabendo-se que muitos, geralmente pequenos proprietários ou outros pelas razões as mais diversas, não o fizeram. O primeiro registro é datado de 8 de outubro de 1855 e o último aos 23 de abril de 1856. Pode-se observar que um grande número de propriedades, até mesmo tradicionais como Laranjeiras, Gamelas⁽¹⁾, Pinheiro, Carapuça, eram exploradas em comum, em regime de parceria familiar. Alguns proprietários com consideráveis porções a exemplo de José Alexandre de Melo, Bárbara Cândida do Amor Divino⁽²⁾, Francisco José Gomes Carneiro, Rita Clara de Jesus, Francisco Ribeiro da Silva, Maria Eugênia de Castro Maia, Patrício Lopes de Sousa, José Justino da Silva.

Na verdade, os dados fornecidos/registrados, como ocorreria em todo o País, eram em si imprecisos, com informações ambíguas,

não se quantificando devidamente os imóveis – ora em léguas, ora em alqueires, quase sempre com a informação de “área aproximada” – não precisando com clareza divisas e confrontantes, estratégias marotas de sonegação de dados⁽³⁾. Sabe-se que 50% dos declarantes omitiram a forma de aquisição e exploração dos imóveis. Possesores pobres, por sua vez, não compareceram junto aos párocos para proceder ao registro. O artigo 102 do decreto n. 1318 garantia a aceitação das informações prestadas, ainda que inverídicas ou fraudulentas. “O registro de terras não chegou aos barões” (José Murilo de Carvalho).

Fonte: Avulso do APM – Códice de sesmarias e demarcações de terras – SG 210 – filme 17 GE-I n. 1035, 1068, 1069, 1070, 1071.

NOTAS

(1) A Fazenda das Gamelas, propriedade do célebre Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826), com seu falecimento e posterior - e conturbado - inventário, desmembrar-se-ia em inúmeros quinhões, muitos deles revendidos, aparecendo como proprietários ou condôminos à época do RPT – 1855/1856 os seguintes:

João Joaquim Ribeiro.; Eduardo José Ribeiro: Firmiano Ribeiro (compra feita a José Gonçalves de Araújo e Joaquim Gonçalves de Araújo); José Rufino de Araújo; Francisco Joaquim da Silva (compra feita a Joaquim Claudino e José Vicente); Lucinda Maria e Justo José de Santana (compra feita Francisco Gonçalves Lara); Joaquim Floriano Alves (compra feita a José Vicente); Francisco José de Souza (por herança de sua sogra Maria da Trindade); Joaquim Claudino dos Santos (herança de Joaquim Carlos Alexandre); Maria do Carmo de Jesus (herança de sua mãe Maria da Trindade); Francisco Gonçalves dos Reis (herança de sua mãe Maria da Trindade); Ana Gonçalves dos Reis (herança de sua mãe Maria da Trindade); Joaquim de Almeida e Silva (legado de Pe. José Manoel da Rosa e ainda compra feita a José Marçal da Rosa); Maria Eugênia de Castro Maia (compra feita a José Marçal da Rosa); Joaquim Ferreira da Silva Santos (compra feita a Maria Eugênia de Castro Maia e José Rufino de Araújo); Francisco Ribeiro

da Silva (compra feita a Maria Eugênia de Castro Maia); João Damasceno Teixeira (compra feita a Mateus José Ribeiro, João José e Miguel de tal); Domingos Ribeiro da Silva (compra feita a José Rufino de Araújo); Luzia Carolina de Jesus (compra feita a Marcos José da Silva).

(2) D. Bárbara é mencionada como cunhada de Patrício Lopes de Sousa

(3) "Ao alegarem desconhecer os limites de suas terras "pela porta dos fundos", tais declarantes impediam que o governo de fato pudesse vir a conhecer as terras devolutas que, a partir daquela data, só poderiam ser

adquiridas por compra" (Marcia Maria Mennendes Motta – "As fronteiras do poder: conflitos de terra e direito agrário no Brasil nos meados do século XIX" Campinas, Unicamp. 1996, p. 60).

Recomendamos a leitura de "Senhores e possuidores – Estrutura fundiária, Unidades Rurais Pró Indiviso e o mercado de terras em Minas Gerais – São José do Rio das Mortes c. 1830 c. 1850" autoria de Keila Cecília Mello, UFSJ, 2015" onde são abordados vários itens fundiários ligados a São Tiago, incluindo o Registro Paroquial de Terras.

ALGUMAS CURIOSIDADES E INFORMAÇÕES SOBRE O RPT – SÃO TIAGO:

- A sede do arraial é denominada "Espigão" ou Rincão de São Tiago", tendo chamado a atenção o fato de ter sido registrado por José Alexandre de Melo, que exercia as funções de "fabiquireiro" com a informação de que a propriedade (Rincão/Espigão de São Tiago) compunha-se de 4 léguas de campos, "doados a mais de 100 anos pelos primeiros possuidores dessa fazenda" cujos títulos se acham na secretaria do governo da província, em cujo rincão está fundada a povoação e matriz dessa freguesia.

- Fazendas "Papunça" e "Cachoeira" aparecem como propriedades do cirurgião Tomás da Silva Fraga e sua esposa Francisca. Casal proprietário ainda da Fazenda "Retiro do Mato" em Ritópolis

A Fazenda Cachoeira aparece ainda como propriedade fracionada de João Joaquim de Andrade (herança do casal Tomás da Silva Fraga/Francisca)

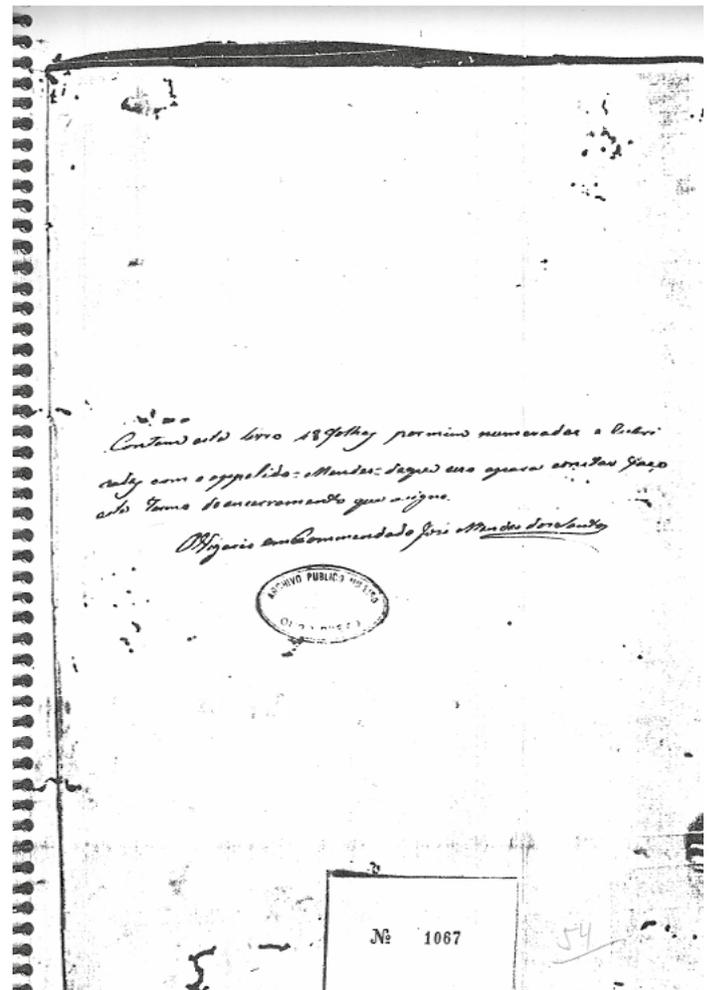
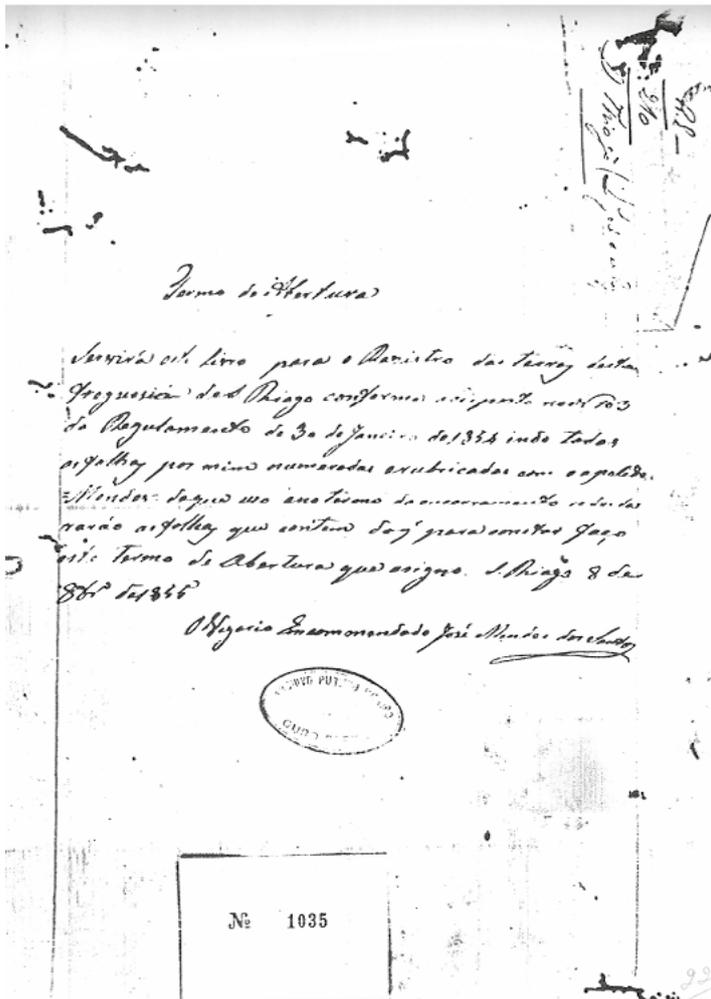
- Muitas fazendas conhecidas/mencionadas no RPT subsistem suas denominações até os dias atuais:

- < Fazenda Sesmaria, à época propriedade de José Justino da Silva

- < Fazenda Capão das Flores, propriedade à época de José da Silva Flores

- < Outras tradicionais fazendas mencionadas a miúdo pelos proprietários, sejam como sedes ou como divisas/confrontações: Lagoinha, propriedade de Francisco Pereira Santiago; Fazenda Varginha; Fazenda Rio do Peixe; Fazenda Laranjeiras; Fazenda Ribeirão das Almas; Fazenda Boa Vista; Fazenda Florinda; Fazenda Caxambu; Fazenda Monte Alegre; Fazenda Lavrinhas; Fazenda Rio Sujo; Fazenda Tapera; Fazenda Cachoeirinha; Fazenda Córrego Fundo; Fazenda Ouro Fino, Fazenda Água Limpa; Fazenda Jacaré; Fazenda Tatu; Fazenda Capão Grosso; Fazenda Quebra-Barril; Fazenda Fundo da Mata.

TERMOS DE ABERTURA E ENCERRAMENTO DO LIVRO DE REGISTRO PAROQUIAL DE TERRAS, DE PRÓPRIO PUNHO E ASSINATURA DO PÁROCO PE. JOSÉ MENDES DOS SANTOS.





Bicentenário da Independência do Brasil (1822/2022)

Em 2022, o Brasil comemora 200 anos de Independência. A independência do Brasil, enquanto processo histórico, desenhou-se muito tempo antes do príncipe regente Dom Pedro I proclamar o fim dos nossos laços coloniais às margens do rio Ipiranga. De fato, para entendermos como o Brasil se tornou uma nação independente, devemos perceber como as transformações políticas, econômicas e sociais inauguradas com a chegada da família da Corte Lusitana ao país abriram espaço para a possibilidade da independência.

A chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil foi um episódio de grande importância para que possamos iniciar as justificativas da nossa independência. Ao pisar em solo brasileiro, Dom João VI tratou de cumprir os acordos firmados com a Inglaterra, que se comprometera em defender Portugal das tropas de Napoleão e escortar a Corte Portuguesa ao litoral brasileiro. Por isso, mesmo antes de chegar à capital da colônia, o rei português realizou a abertura dos portos brasileiros às demais nações do mundo.

Do ponto de vista econômico, essa medida pode ser vista como um primeiro “grito de independência”, onde a colônia brasileira não mais estaria atrelada ao monopólio comercial imposto pelo antigo pacto colonial. Com tal medida, os grandes produtores agrícolas e comerciantes nacionais puderam avolumar os seus negócios e viver um tempo de prosperidade material nunca antes experimentado em toda história colonial. A liberdade já era sentida no bolso de nossas elites.

Para fora do campo da economia, podemos salientar como a reforma urbanística feita por Dom João VI promoveu um embelezamento do Rio de Janeiro até então nunca antes vivido na capital da colônia, que deixou de ser uma simples zona de exploração para ser elevada à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. Se a medida prestigiou os novos súditos tupiniquins, logo despertou a insatisfação dos portugueses que foram deixados à mercê da administração de Lorde Protetor do exército inglês.

Essas medidas, tomadas até o ano de 1815, alimentaram um movimento de mudanças por parte das elites lusitanas, que se viam abandonada por sua antiga autoridade política. Foi nesse contexto que uma revolução constitucionalista tomou conta dos quadros políticos portugueses em agosto de 1820. A Revolução Liberal do Porto tinha como objetivo reestruturar a soberania política portuguesa por meio de uma reforma liberal que limitaria os poderes do rei e reconduziria o Brasil à condição de colônia.

Os revolucionários lusitanos formaram uma espécie de Assembleia Nacional que ganhou o nome de “Cortes”. Nas Cortes, as principais figuras políticas lusitanas exigiam que o rei Dom João

VI retornasse à terra natal para que legitimasse as transformações políticas em andamento. Temendo perder sua autoridade real, D. João saiu do Brasil em 1821 e nomeou seu filho, Dom Pedro I, como príncipe regente do Brasil.

A medida ainda foi acompanhada pelo rombo dos cofres brasileiros, o que deixou a nação em péssimas condições financeiras. Em meio às conturbações políticas que se viam contrárias às intenções políticas dos lusitanos, Dom Pedro I tratou de tomar medidas em favor da população tupiniquim. Entre suas primeiras medidas, o príncipe regente baixou os impostos e equiparou as autoridades militares nacionais às lusitanas. Naturalmente, tais ações desagradaram bastante as Cortes de Portugal.

Mediante as claras intenções de Dom Pedro, as Cortes exigiram que o príncipe retornasse para Portugal e entregasse o Brasil ao controle de uma junta administrativa formada pelas Cortes. A ameaça vinda de Portugal despertou a elite econômica brasileira para o risco que as benesses econômicas conquistadas ao longo do período joanino corriam. Dessa maneira, grandes fazendeiros e comerciantes passaram a defender a ascensão política de Dom Pedro I à líder da independência brasileira.

No final de 1821, quando as pressões das Cortes atingiram sua força máxima, os defensores da independência organizaram um grande abaixo-assinado requerendo a permanência de Dom Pedro no Brasil. A demonstração de apoio dada foi retribuída quando, em 9 de janeiro de 1822, Dom Pedro I reafirmou sua permanência no conhecido Dia do Fico. A partir desse ato público, o príncipe regente assinalou qual era seu posicionamento político.

Logo em seguida, Dom Pedro I incorporou figuras políticas pró-independência aos quadros administrativos de seu governo. Entre eles estavam José Bonifácio, grande conselheiro político de Dom Pedro e defensor de um processo de independência conservador guiado pelas mãos de um regime monárquico. Além disso, Dom Pedro I firmou uma resolução em que dizia que nenhuma ordem vinda de Portugal poderia ser adotada sem sua autorização prévia.

Essa última medida de Dom Pedro I tornou sua relação política com as Cortes praticamente insustentável. Em setembro de 1822, a assembleia lusitana enviou um novo documento para o Brasil exigindo o retorno do príncipe para Portugal sob a ameaça de invasão militar, caso a exigência não fosse imediatamente cumprida. Ao tomar conhecimento do documento, Dom Pedro I (que estava em viagem) declarou a independência do país no dia 7 de setembro de 1822, às margens do rio Ipiranga.

Fonte: <https://www.smedijui.com/2021/02/bicentenario-da-independencia>

“NOS BASTIDORES DO TEMPO”

Elzi Machado La Guardia nasceu em Oliveira, MG., em 08 de abril de 1939. Filho do Sr. Henrique Machado La Guardia e Sra. Clarinda Batista Guimarães, passou sua infância e adolescência na Comunidade Rural Jacaré, no Município de São Tiago. Frequentava, com seus familiares, festas e eventos sociais ora em Morro do Ferro, distrito de Oliveira, ora em São Tiago. Em 1956, mudou-se com a família para Quirinópolis, no Sudoeste Goiano.

Aprendeu as primeiras letras em casa com sua mãe, entrando depois para a Escola Rural “Joaquim Laranja”, no povoado da antiga Usina Hidrelétrica de Oliveira, onde cursou até o 3º Ano Primário. Fez o Curso de Admissão no Ginásio Santiaguense, em São Tiago, “evoluindo depois como autodidata”.

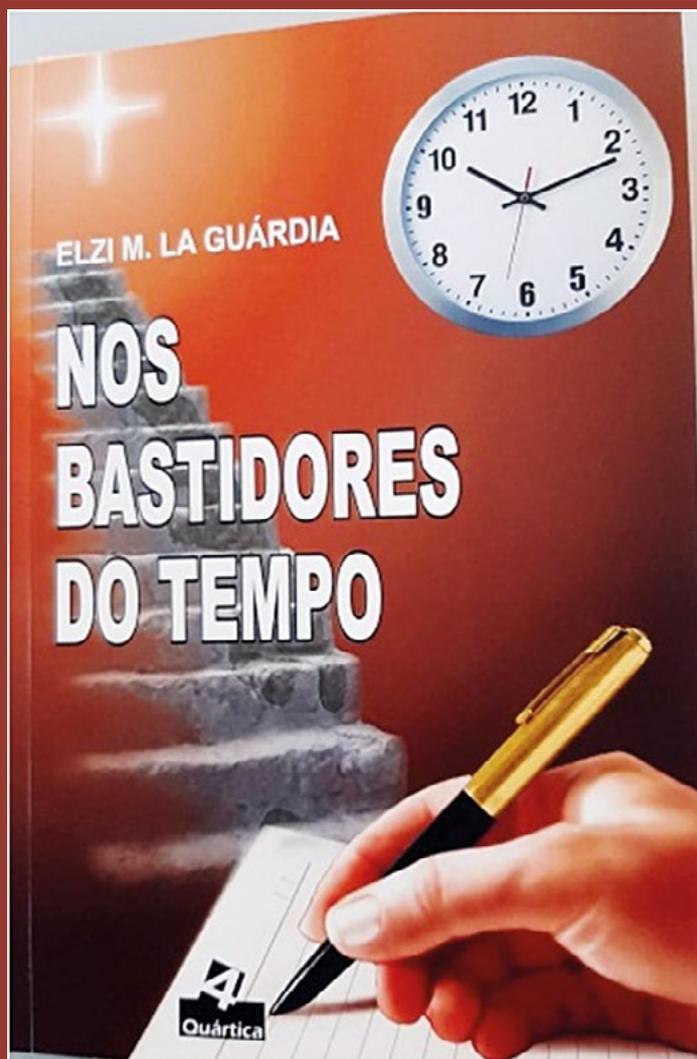
Durante toda a sua vida, Elzi respirou literatura. Escreveu dois livros: “Pelos Estradas do Coração” e “Nos Bastidores do Tempo”. Autor eclético, escreveu ainda milhares de textos: contos, crônicas, poemas, pensamentos, discursos, ensaios e letras de músicas.

Goiano (goiano e mineiro), Elzi foi também radialista, pesquisador e orador. Imortal Membro-fundador da Academia de Letras do Extremo Sudoeste de Goiás (ALESG), Membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), do Movimento Cultural Poetas Del Mundo, com sede em Santiago do Chile, e da International Association Correspondence (ICA). Detentor do Título de Cidadão Honorário de Quirinópolis e Medalha de Honra ao Mérito “22 de Janeiro”, ambos concedidos pela Câmara Municipal e Prefeitura de Quirinópolis, respectivamente.

Elzi, o Zizi do Sr. Henrique La Guardia e D. Fiinha, encerrou seu ciclo “Nos Bastidores do Tempo” e do espaço, em Quirinópolis, no último dia 09 de agosto. Continuará sua História a esposa amada, D. Sandra; os queridos filhos, Ivan e Cibele, três netos, irmãos, sobrinhos, primos e amigos admiradores.

Seremos eternamente gratos à inteligência subjetiva, literária, filosófica, psíquica e poética desse grande, saudoso goiano, imortal escritor e amante da Arte da Comunicação, pois, através de muitos de seus escritos, nossa região se fez conhecida no Centro-Oeste Brasileiro.

Carlita Maria de Castro e Coelho
 Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago



QUE MESA É ESTA?

Nasceu em São Tiago, aos 24 de maio de 1930, filho do Prof. Joaquim Pinto Lara e D. Maria de Vasconcelos Lara um menino que teria um futuro brilhante, e que logo, muito criança, se mudou porque a família se transferira para Conceição da Barra de Minas.

De lá, seguiu para São João del-Rei, São Paulo, Roma etc.

Cresceu, estudou, tornou-se sacerdote da Congregação dos "Salesianos de Dom Bosco". Exerceu esse ministério por vários anos com extrema competência.

Depois, decidiu afastar-se do ministério sacerdotal e servir de outras formas como: professor universitário, coordenador de Centros de Estudos Bíblicos (CEBIs), escritor, participante do "Movimento Construindo", (fundado por seu conterrâneo o Padre Tiago de Almeida), enfim, um grande pensador e teólogo.

Promoveu e coordenou muitos encontros de cunho filosófico e, assim, conquistou inúmeros amigos juntamente, e apoiado, por sua esposa Maria Helena Falcão Vasconcelos, pessoa simpática e íntegra.

Autor de vários livros: Versões; A Filosofia nas Suas Origens Gregas; Educação; Versões Dois; As Raízes Cristãs do Pensamento de Antônio Pedro de Figueiredo; A Filosofia nos Tempos e Contratempos da Cristandade Ocidental; Tradicionalismo Católico em



Pernambuco; livros onde deixou registradas suas ideias, sua visão de mundo, educação, religião e até mesmo através de seus belos e filosóficos poemas. Este é o professor TIAGO ADÃO LARA, o "TAL", como era referenciado pelos grupos de sua convivência de trabalho e de estudos bíblicos.

Apoiado nesta escrivaninha, fluíram suas mais significativas visões de tudo que o cercava.

Nesta imponente cadeira sentava-se para filosofar e extrair de sua mente, privilegiada, as mais sábias lições que nos deixou, em suas várias obras, sendo a última "Educação".

Hoje, o Memorial Santiaguense se enriquece por abrigar a mesa e a cadeira que lhe serviram, durante anos, para escrever o que se tornou seu grande legado à formação humana.

TIAGO ADÃO LARA, um são tiaguense notável.



Maria de Lourdes Resende (Cairu)
Membro do IHGST
Curadora do Memorial Santiaguense
28/07/2022

Nova Diretoria do IHGST foi empossada para o biênio 2022-2025

No dia 30 de maio de 2022 houve a eleição e posse da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago sendo eleitos: Maria da Conceição Silva Mata, presidente; Sérgio Antônio Mendes Nogueira, vice-presidente; Marcus Antônio Santiago, 1º diretor-secretário e bibliotecário; Carlita Maria de Castro e Coelho, 2ª Diretora Secretária; José Faria Santiago, 1º Diretor Tesoureiro; Janete Aparecida Silva Vieira Costa, 2ª Diretora Tesoureira; Salima de Carvalho Caputo Fernandes, diretoria de relações institucionais. Conselho Fiscal: Maria de Lourdes Rezende, Paulina Feliciano Viegas, Eni Maria de Oliveira. Suplentes: Tássio Túlio Mendes de Resende, Zely Rezende, Tiago do Rosário Mendes Santiago. A gestão teve início em 30/05/2022 e findará em 30/05/2025.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago fundado em 28

de maio de 2007 é de grande importância para a comunidade local, pois é através dele que seus membros ligados à história, literatura, artes e música buscam preservar a memória, a cultura, a tradição e os costumes locais em

parceria com outras entidades, sobretudo, com o Governo Municipal. O IHGST é responsável por administrar o Memorial Santiaguense.



Registramos/lamentamos o falecimento dia 07/06/2022 último do

SR. GERALDO GRACIANO DE CARVALHO (Geraldo Olécio)

aos 89 anos, cidadão trabalhador, e zeloso, sempre solícito que nos prestou inúmeras informações sobre a história e memória local. Um colaborador espontâneo de nosso boletim.

O Sr. Geraldo Olécio, como era popularmente conhecido, detinha invejável conhecimento sobre tropeiros e moradores do passado, famílias da região, antigos sacerdotes e comerciantes, enfim, um arquivo vivo e que ora nos deixa sem acesso.

Nossa solidariedade à família e nossa gratidão, apreço e orações ao Sr. Geraldo.

Tradicionalis Festas de Julho nas décadas de 1970 a 1990

Com o término das festas de agosto os olhares voltaram para a Festa do Padroeiro. O mês de julho chegava e os são-tiaguenses se organizavam para vivenciar no mês mais importante do ano a Festa do Senhor São Tiago. Faziam-se biscoitos, matavam-se porcos e enchiam as latas para receber os amigos e familiares. Alguns já haviam marcado que ficariam em suas casas, outros vinham para a festa e passariam para fazer visitas, tomar um café com biscoito. Terreiros bem varridos e horta de couve com as verduras todas bonitas, viçosas e bem cuidadas para complementar a alimentação. Casa impecável, melhores roupas de cama já postas nos quartos. Quem tinha costumava pagar uma ajudante para que a dona da casa ficasse a disposição das visitas e familiares que vinham de longe.

Famílias das comunidades rurais ficavam em suas casas que eram abertas somente nos dias de festas, outras alugavam. Ouviam-se ao longe carros de bois chegando devido ao som produzido pelos eixos das grandes rodas... subindo cidade a fora vindo pela Vargem, Trevo, Pavuna, saída para Bom Sucesso. Os carros de bois cheios de sacos com roupas, vasilhas, panelas; latas de biscoitos, de carne na gordura, caixas, frangos dependurados, abóboras, crianças alegres em vir sobre o carro de bois.

Antes dos festejos o novenário marcava a preparação para o dia maior da festa. Monsenhor Eloi coordenando os trabalhos para a organização das missas, procissões, orientando os festeiros.

No período da novena a maioria das pessoas ia à costureira buscar as roupas que havia mandando fazer há um mês ou fazer ajustes em algumas peças que tinham em casa. Festa de julho não podia passar sem roupa nova, sapato novo. Mulheres com vestidos estampados, de cores únicas, cabelo com penteado. Homens com camisa social, paletó, calça de tergal, chapéu, crianças bem vestidas.

O dia 25 de julho parecia estar mais bonito, embora muito frio. Ouviam-se da Igreja Matriz os sinos tocando e chamando para a missa solene pela manhã. Ao meio dia, após o momento do Ângelus, tocavam músicas festivas e dobrados no alto-falantes da igreja. À noite, missa festiva, repique de sinos, procissão luminosa, cada fiel com a sua vela acompanhando, rezando o terço e cantando ao lado da imagem do Senhor São Tiago. Ao lado a banda de música abrilhantando com a execução dos dobrados e outras canções. Na chegada, fogos de artifício com rojões, “foguete de lágrimas”, rodas de fogo, quadro, morteiros clareando os céus são-tiaguenses! “Os vivos São Tiago”, saíam do coração e da alma. Depois, acontecia a tradicional pregação sobre o Santo seguida das orações e bênção do Santíssimo Sacramento. Muitos ali gratos por vivenciar mais uma Festa do Padroeiro com vida e saúde. Era um encontro além de religioso, social, viam-se pessoas de todos os lados que moravam em outras cidades e nas comunidades rurais. Depois os festejos, aconteciam leilões e a parte social nos clubes da cidade e nas residências com



a confraternização das famílias e amigos no dia do Senhor São Tiago.

Nas décadas de 1980 e 1990 as tradicionais Festas de Julho, além de celebrar o Dia do Padroeiro, comemorava-se com programação especial o Aniversário da Cidade. Havia muitas atividades nesses dias: pré-novena nos setores, novenário na Matriz, cada dia um padre convidado para pregar; leilões de mesa, barraqueiros vendendo comidas e

bebidas, shows no palco da Praça, oficinas culturais, “festival de agropecultura”, bailes nos clubes. A Praça ficava pequena para receber tantas pessoas. Era um intenso movimento na praça durante a segunda quinzena do mês. Barraquinhas de roupas, vasilhas, brinquedos, sapatos, ferramentas e guloseimas.

Vésperas do dia do Padroeiro era gente daqui, dali e de longe que chegava para prestigiar os festejos são-tiaguenses. Mês de férias, de curtidão e de rezar a São Tiago.

Ao amanhecer do dia 25 de julho, o dia estava mais engalado, a população era acordada ao som da Lira da Imaculada Conceição com alvorada dos músicos em cima do caminhão passando pelas ruas. Missas solenes, festivas acontecendo ao longo do dia. Celebrava-se antes e depois do dia do padroeiro, São Cristóvão, Nossa Senhora Aparecida e Santa Cecília. Costumava o bispo vir e realizar Crismas à tarde. E no dia do Senhor São Tiago não poderia faltar a foto ao lado da imagem. Jaldo, Abel Caputo e Orlindo ficavam postos com suas câmeras. Eram tempos de grandes encantamentos...

Desde meados da década de 1990 o dia 24 de julho é dedicado a São Cristóvão com a tradicional procissão motorizada, 25 dia do Senhor São Tiago e 26 dia da Senhora Sant’Ana, co-padroeira da Paróquia. Na parte da manhã do dia 26 acontece na Matriz a missa em ação de graças pelo Aniversário do Município e na praça as solenidades com hasteamento das bandeiras, execução do hino Nacional pela Lira da Imaculada Conceição e homenagens. Nessa década foi inserido



o ato de imposição do chapéu do padroeiro que se tornou uma tradição do dia 25 de julho.

Viva São Tiago!!! Viva seu povo!!!

Marcus Santiago
Membro do IHGST

Nos 150 anos do nascimento de Oswaldo Cruz, Brasil enfrenta desafios em saúde pública

Médico sanitarista se tornou referência no combate à peste bubônica, varíola e febre amarela no início do século 20

No dia 5 de agosto de 1872, nascia na cidade de São Luís do Paraitinga, na região do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo, Oswaldo Gonçalves Cruz. Filho do médico Bento Gonçalves Cruz e de Amália Taborda de Bulhões, primos e nascidos no Rio de Janeiro.

Peste bubônica, varíola e febre amarela. Estes foram apenas alguns dos diversos desafios em saúde pública enfrentados no início do século 20 no país, que marcaram a trajetória de um dos mais conhecidos cientistas brasileiros.

Em 1903, foi nomeado diretor-geral de Saúde Pública, cargo semelhante ao de atual ministro da Saúde. No governo do presidente Rodrigues Alves (1902 a 1906), Oswaldo Cruz se comprometeu a erradicar a febre amarela do Rio de Janeiro, então capital do país, num prazo de três anos. Para isso, ele acreditava que o controle do mosquito transmissor era fundamental.

A peste bubônica era um problema sanitário especialmente preocupante em navios e portos. Para combater a doença, soro e vacina estavam disponíveis, além da profilaxia baseada no controle de roedores.

O combate à varíola, doença que teve importante crescimento em 1904, também era pautado na imunização. No mesmo ano, a instituição da vacinação obrigatória – depois revogada – motivou a chamada Revolta da Vacina.

Oswaldo Cruz dividiu a cidade do Rio de Janeiro em distritos sanitários, que seriam acompanhados por profissionais da Diretoria de Saúde. Foi criado o Serviço de Profilaxia Específica da Febre Amarela e teve início a produção de folhetos educativos e a publicação dos “Conselhos ao Povo” nos jornais.

O prefeito Pereira Passos, que projetava a remodelação urbana da então capital federal, baixou leis que previam a remoção de famílias pobres, política que ficou popularmente conhecida como “bota abaixo”. A lei de saneamento era conhecida como “Código das Torturas”.

Algumas medidas autorizavam, por exemplo, a entrada forçada de agentes conhecidos como mata-mosquitos em casas para esvaziar depósitos de água que serviam de criadouro para mosquitos transmissores da febre amarela.

Outras ações incluíam a intimação para impermeabilização de solos de residências para evitar a propagação de ratos e pulgas, como parte das ações contra a peste bubônica. Alimentos eram fiscalizados e foi instituída a notificação compulsória de casos das doenças.

“Ele foi uma pessoa que teve muita influência política, que usou em prol da saúde pública, mas desprezando questões relativas à desigualdade social”, avalia o sanitarista Gonzalo Vecina, professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e ex-diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

A figura de Oswaldo Cruz sintetizava um acúmulo de insatisfações sobre o conjunto de mudanças que aconteciam na época, sendo alvo de reações populares, na imprensa e no Congresso. No entanto, o resultado das medidas foi o controle da peste bubônica, varíola e febre amarela no Rio de Janeiro.

Os êxitos foram apresentados em um importante congresso em Berlim, na Alemanha, em 1907, um ponto de virada que mudou a percepção pública do cientista.

O instituto que deu origem à Fundação Oswaldo Cruz teve como premissa a produção de soros e vacinas. No entanto, desde o início



das atividades, a vocação da instituição foi marcada também pela pesquisa e pelo ensino.

“O modelo institucional que o Oswaldo Cruz tinha em mente era o do Instituto Pasteur, que era uma instituição que, ao mesmo tempo em que tinha essa produção de soros e de vacinas, fazia pesquisas. Essa produção deles era fruto das pesquisas que faziam também”, conta a historiadora Ana Luce Girão, pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

Hoje, todas as unidades da Fiocruz desenvolvem programas de pós-graduação stricto sensu com cursos de doutorado, mestrado acadêmico ou profissional. Ao todo, são 32 programas inseridos em dez áreas de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

“Oswaldo Cruz foi a semente do pensamento de que você precisa de ciência e de pesquisa para enfrentar os problemas de saúde pública, para poder olhar a essas questões e construir soluções e políticas públicas. Ele inspira e vai inspirar todas as gerações seguintes”, diz Tânia.

INÍCIO DA FIOCruz

Durante a juventude, Oswaldo Cruz foi ajudante no laboratório de Benjamin Antônio da Rocha Faria. Quando o laboratório foi convertido em Instituto Nacional de Higiene, atuou como auxiliar do professor Rocha Faria, entre 1890 e 1893.

Formou-se em medicina em 1882 e começou um pequeno laboratório de análises clínicas no pavimento térreo de sua residência, como presente de casamento do sogro.

No final de 1899, a peste bubônica era uma doença emergente no país. Assim como os pesquisadores Adolpho Lutz e Vital Brazil, Oswaldo Cruz foi chamado a estudar a situação no porto de Santos, litoral de São Paulo, onde os casos despertavam atenção.

Os caminhos de Oswaldo Cruz e de Manguinhos, que abriga hoje a sede da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, se cruzaram em 1899.

A peste bubônica, que afetou inicialmente o porto de Santos, havia chegado também ao Rio de Janeiro. Por ordem do prefeito Cesario Alvim, o Instituto Vacínico Municipal passou a produzir o soro e a vacina para a doença.

As atividades estavam sob liderança do barão de Pedro Affonso, um cirurgião reconhecido na cidade que havia sido diretor do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Pouco depois, a prefeitura, alegando não poder arcar com os custos, transferiu a tarefa da produção para a esfera federal. A atividade seria realizada no novo Instituto Soroterápico Federal, oficialmente criado em maio de 1900 de forma subordinada à Diretoria-Geral de Saúde Pública, no âmbito do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Em 1900, Oswaldo Cruz assumiu a direção técnica do instituto recém-criado e passa a chefiar o serviço do laboratório de anatomia, patologia, química, biologia e bacteriologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Em 1902, o barão de Pedro Affonso solicitou exoneração e Oswaldo Cruz assumiu a direção geral do Instituto Soroterápico Federal. No ano seguinte, foi nomeado diretor-geral de Saúde Pública. As ações de combate à peste bubônica, varíola e febre amarela renderam a Oswaldo Cruz o reconhecimento internacional.

O Instituto Soroterápico Federal, que teve o nome modificado em 1907 para Instituto de Patologia Experimental, passa a se chamar Instituto Oswaldo Cruz.

Rotação da Terra está cada vez mais rápida, e isso preocupa cientistas

Desde que cientistas começaram a calcular a velocidade de rotação da Terra, em 1960, o planeta já ficou mais rápido 28 vezes

A Terra bateu o recorde de dia mais curto, em 29 de junho deste ano. Segundo o site Time And Date, o planeta completou uma rotação completa em torno do próprio eixo em 1,59 milissegundo a menos que as 24 horas tradicionais. De acordo com uma reportagem do The Independent, o marco quase foi superado novamente, em 26 de julho, quando cientistas registraram um giro com menos 1,50 milissegundo.

Antes, o recorde de rotação da Terra era de 1,46 milissegundo a menos que as 24 horas tradicionais. Esse dado foi registrado em 19 de julho de 2020. Desde que cientistas começaram a cronometrar os giros terrestres, em 1960, o planeta já superou a própria marca de dia mais curto 28 vezes.

Na teoria, a Terra leva exatos 86.400 segundos para realizar um giro completo. Mas, as rotações completas levam cada vez menos tempo com o passar dos anos. Cientistas ainda não descobriram os reais motivos que causam as alterações nos giros terrestres, mas há algumas suspeitas de processos que podem impactar na forma como percebemos o tempo.

AQUECIMENTO GLOBAL PODE AFETAR ROTAÇÃO DA TERRA

A reportagem do jornal The Independent cita aquecimento global e derretimento de geleiras para explicar a alteração na velocidade da rotação da Terra. Esses fatores causam mudanças no núcleo terrestre, tremores e um fenômeno chamado Oscilação de Chandler.

O fenômeno é uma pequena divergência no eixo de rotação

da Terra. É como se o planeta fosse um grande peão girando, e a oscilação fizesse o objeto ganhar impulso a partir de um impacto no lugar certo em um momento específico.

Alguns cientistas ainda acreditam que a Lua pode ser a culpada pelas alterações na rotação da Terra. O satélite causa alterações gravitacionais, afetando as marés dos oceanos. Com a força das águas, o planeta pode ganhar ou perder velocidade ao longo de 24 horas.

COMO A ROTAÇÃO DA TERRA AFETA O COTIDIANO

Apesar de parecer minúsculo, o 1,59 milissegundo a menos no tempo de rotação da Terra pode causar problemas sérios em satélites de GPS equipados com relógios atômicos, por exemplo. O fato também pode prejudicar celulares, computadores e sistemas de comunicação conectados ao Protocolo de Tempo de Rede (da sigla NTP, em inglês).

Para evitar que falhas graves ocorram, a União Internacional de Telecomunicações pensa em adiantar ou pausar os relógios atômicos utilizados para calcular o Tempo Universal Coordenado (UTC) por um segundo. Esses relógios são bastante precisos e invariáveis, já que medem o tempo por meio do movimento dos elétrons em átomos congelados.

No entanto, forçar qualquer alteração nos relógios atômicos pode gerar consequências graves em sistemas de comunicação, componentes de hardware e softwares que dependem da precisão do UTC. Por isso, é necessário ter planejamento para enfrentar possíveis crises.

HOMENAGEM AO
 PADRE TIAGO DE ALMEIDA,
 PELOS 50 ANOS
 DE CRIAÇÃO DO "MOVIMENTO CONSTRUINDO"

PROGRAMAÇÃO

No forno

- 1) Palavras do Sr. Prefeito, Alexandre Nonato Almeida Vivas,
- 2) Palavras da Secretária de Educação e Cultura, Elizabeth Márcia dos Santos,
- 3) Acolhida pela Ágda Reis (anfitriã e membro do Movimento Construindo);
- 4) Declamação do Poema de autoria de Lázaro Joanes (Lazico do Chicão).
- 5) Momento musical com Mario e sanfona,
- 6) Entrega do livro "Em nome da Fé", aos visitantes, Cortesia do Sicoob Crediverentes,
- 7) Café

HOMENAGEM AO
 PADRE TIAGO DE ALMEIDA,
 PELOS 50 ANOS
 DE CRIAÇÃO DO "MOVIMENTO CONSTRUINDO"



São Tiago, 06 de agosto/2022

- No Forno da Praça
- A partir de 14h 00 - Recepção aos visitantes e convidados, por autoridades do município,
 - 15h 00 às 17h 00 - Homenagens aos visitantes e ao Pe. Tiago, - Momento Musical e Poético; - Café.
- No Memorial Santiaguense
- 17h 30 às 18h 30 - Recepção aos visitantes pela Presidente do IHGST; - Descerramento da Placa Comemorativa dos 50 Anos do Movimento Construindo; - Palavra livre aos visitantes.
- Na Igreja Matriz
- 19h 00 - Missa em Ação de Graças pela missão realizada pelo Pe. Tiaguinho e seus grupos de trabalho (jovens do Brasil).
- NA APAE
- 20h 30 - Jantar de confraternização.
- Domingo de manhã
 07/08/2022
- No cemitério Pastoral
- Visita ao Túmulo do Padre Tiago (Lazico de sua família)

Merecida Homenagem

Em 6 de agosto deste ano de 2022, quando já podemos nos abraçar, aconteceu em São Tiago um reencontro bonito e emocionante. Um grupo de pessoas, vindas de vários estados do Brasil, aqui se reuniram para homenagear nosso conterrâneo, o saudoso Padre Tiago de Almeida.

O motivo foi a celebração dos 50 Anos do "Movimento Jovem Construindo", criado pelo Padre Tiago. Um movimento que tinha objetivos diversos como: espiritualidade, assistência social, formação religiosa, orientação sobre direitos do cidadão etc.

O evento constou de recepção aos visitantes, no Forno da Praça, pela Secretária Municipal de Educação Prof. Elizabeth Márcia dos Santos, por membros do IHGST (Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago) e alguns convidados representando a comunidade.

No local, os visitantes foram homenageados pela Secretária Elizabeth que, com muita simpatia, falou da importância daquele momento; pela anfitriã Ágda Reis que relembrou os 50 anos do Movimento e também pelo grupo musical Dimas, Mário e Flávio. Os visitantes receberam do Sicoob Crediverentes o Livro: "Em nome da fé: Trajetória e Memórias do Padre Tiago de Almeida".

Foi-lhes servido, pela Prefeitura Municipal, o tradicional café com biscoitos de São Tiago.

Momentos mágicos foram vividos no Forno da Praça com relatos e depoimentos fortes a respeito da atuação e dedicação do Pe. Tiago junto àqueles jovens da década de 1970 e às comunidades onde atuaram. Um mar de saudades rolou por ali, recordando locais, episódios, encontros e reencontros daqueles que se uniram ao Pe. Tiaguinho, como o chamam, atuando nas diversas frentes do Movimento Construindo como: "Alfabetização de Adultos", "Missão Construindo", "Pequenos engraxates", trabalhos em favelas etc.

Recordações e emoções foram embaladas pelas músicas de fino gosto, carinhosamente pensadas, para homenagear e lembrar o padre, sua voz, seu acordeon, sua alegria e belo gosto musical.

Bonitos poemas declamados enfeitaram aquele encontro e nos fizeram reviver as participações do Pe. Tiago nos teatros e eventos em nosso salão paroquial.

No segundo momento, todos se dirigiram ao Memorial Santiaguense, onde foram recebidos pela presidente do IHGST, Srª Maria da Conceição Silva Mata. A curadora do Memorial, Cairu, disse de sua alegria em receber os visitantes e poder abrigar naquele "Espaço de Memórias" uma bela placa de significativa homenagem a um São Tiaguense ilustre e querido. Também lembrou alguns fatos da infância e da vida humilde

do Pe. Tiago e sua família.

A seguir, sob a coordenação de uma das visitantes, a Penha, foi descerrada uma "Placa Comemorativa" dos 50 Anos do Movimento Construindo, fundado e orientado pelo Pe. Tiago. Para o descerramento foi convidado o mais antigo participante do Movimento, o Chico – Francisco Garbácio Júnior.



Ali houve falas, aplausos e nítidas emoções.

Na sequência, todos se dirigiram à Igreja Matriz para participarem da missa em ação de graças e na intenção do Pe. Tiago, por todo bem que fez onde passou. A missa foi presidida pelo pároco Padre Sebastião Corrêa e concelebrada pelo Padre José Lopes (Lelete) participante do Movimento Construindo e grande amigo do Pe. Tiago.

O pároco confidenciou, a alguns, que conheceu melhor o Pe. Tiaguinho depois de tudo que viu e ouviu naquela tarde, no Forno da Praça.

Após a missa, no prédio da APAE, foi oferecido aos visitantes um jantar pela Ágda e familiares onde novamente puderam cantar, conversar e recordar. Culminando as homenagens, no domingo, de manhã, houve uma visita ao túmulo do Pe. Tiaguinho com orações, cantos e flores.

Esposas acompanharam maridos que fizeram parte do Movimento Construindo e vice-versa maridos acompanharam esposas.

Chamou-me a atenção duas jovens, de Sete Lagoas, que vieram trazendo a mãe porque desejavam conhecer melhor e comemorar com ela, esse tal Movimento Construindo que cresceram ouvindo falar dele. Disseram estar admiradas com a dimensão desse trabalho. "É muito mais do que imaginávamos", confidenciaram.

Assim, tivemos em São Tiago uma merecida homenagem àquele Sacerdote e educador que muito honrou sua terra e seus amigos.

Dos visitantes ficaram ternas lembranças, doces palavras e uma lição: Não esquecer quem nos faz o bem.

Visite o Memorial Santiaguense e conheça a Placa ali deixada para as futuras gerações.

Cairu - Membro do IHGST
 Curadora do Memorial
 Agosto/2022



O simbolismo da vieira no caminho de Santiago

Não importa qual dos Caminhos esteja a percorrer, pode ter a certeza de que irá encontrar inúmeros símbolos da Vieira ao longo do Caminho até Santiago de Compostela.

Um dos símbolos mais emblemáticos do Caminho a Santiago é a Vieira. Ao longo dos anos, muitos mitos tentaram associá-lo a St. James. Um desses mitos diz que se tornou um símbolo icónico porque os peregrinos medievais a levavam durante a viagem a Santiago de Compostela, usando-a como um objeto substituto da tigela para segurar os alimentos e a água.

Outra lenda diz que o apóstolo uma vez resgatou um cavaleiro coberto de Conchas de Vieiras e, uma versão similar desta história afirma que, enquanto o corpo de Santiago era transportado por um cavaleiro de Jerusalém para a Galiza, o cavalo caiu na água e emergiu coberto destas "conchas". Também não é coincidência que, em alemão, a Vieira seja conhecida por "Jakobsmuscheln" (mexilhões de Jacob) e em francês é chamada de "Coquille de Saint Jacques".

Hoje em dia, a Vieira, assim como a seta amarela, é usada para orientar os peregrinos ao longo de muitos caminhos diferentes até Santiago. Mas além disso, porque é que esta concha é tão importante para os peregrinos? Diz-se que este símbolo é uma metáfora, na medida em que as suas linhas representam os diferentes caminhos percorridos pelos peregrinos de todo o mundo, que conduzem a um ponto, o túmulo de São Tiago em Santiago de Compostela. A Vieira pode ser encontrada em marcos ao longo do caminho, orientando os peregrinos na direção correta. Assim como na era medieval, muitos peregrinos usavam a Vieira presa ao pescoço ou nas costas para facilmente serem identificados e garantir que seguissem sempre o caminho certo.

Ao longo do caminho a Santiago de Compostela, pode encontrar inúmeras Vieiras em lojas de souvenirs. Sendo que voltará a casa, esses amuletos servirão como um pretexto para contar a sua experiência àqueles que têm interesse em percorrer o caminho ou mesmo às pessoas que já o percorreram.



Além da Vieira, existem mais quatro símbolos que podem ser encontrados ao longo do Caminho:

"SETA AMARELA":

este é um símbolo muito popular entre os atuais peregrinos como um elemento orientador do percurso a seguir. Nos dias de hoje, a utilização desta seta está presente em quase todos os caminhos rumo a Santiago de Compostela;



"CRUZ DE SANTIAGO":

este é o símbolo do cristianismo e da proteção de Deus. O branco representa a pureza e o vermelho simboliza o sangue de Cristo;



"CABAÇA":

Refere-se ao sistema de transporte de água utilizado pelos antigos peregrinos na época medieval durante o Caminho. Este era um equipamento básico para as peregrinações, tornando-se assim um dos principais símbolos do Caminho de Santiago;



"BOTAFUMEIRO":

Este é o famoso incensário da Catedral de Santiago de Compostela. O incenso é queimado neste recipiente de metal à medida em que é balançado. Este momento está associado à meta, mas é também um símbolo religioso, uma vez que se acredita que o seu fumo sobe ao céu juntamente com os pedidos e ações de graças dos peregrinos até Deus.

A IMPORTÂNCIA DE QUEM SERVE O CAFEZINHO

Certo dia, dois velhos leões que eram grandes amigos bolaram um plano de fuga e fugiram do Zoológico.

Na fuga, para despistar cada um dos leões tomou caminhos distintos. Um deles foi para as matas e o outro foi para o centro da cidade mais próxima. Semanas se passaram na procura dos leões por todos os cantos, mas nada de encontrá-los.

Depois de quase um mês, para surpresa de todos, volta o leão que fugiu para as matas. Porém, voltou magrelo, com fome e ferido. Desta forma o pobre Leão foi reconduzido a sua jaula.

Passaram-se dez meses e ninguém mais lembrava-se do leão que tinha fugido para o centro da cidade, quando de repente um dia, o Leão sumido foi encontrado. Porém, estava gordo e com muita saúde.

Inquieto de tanta curiosidade o Leão que fracassadamente havia fugido para a floresta perguntou ao seu colega de fuga:

– E aí meu colega de fuga! Como é que você conseguiu ficar todo este tempo escondido na cidade, além disso, voltar com esta saúde toda? Tem tanta comida assim na cidade? Se soubesse teria ido para lá, pois eu peguei o caminho da floresta e tive que dar meia volta e

voltar para o Zoológico, pois estava morrendo de fome.

O outro então explicou:

– Bom, tive sorte e acabei me escondendo em uma repartição pública.

Cada dia comia um funcionário público diferente, porém, ninguém sentia falta deles.

– Ué, mas por que você voltou então? Acabou a comida? Digo os Funcionários?

– Não foi isso! Funcionário público nunca tem fim, cada vez que eu comia um aparecia mais três novos.

O problema foi que eu acabei cometendo um grave erro.

Eu já tinha feito a limpa na repartição, já tinha comido diretores, superintendentes, adjuntos, coordenadores, assessores, chefes de seção, secretárias, entre outros funcionários e nunca ninguém deu por falta deles!

Mas, no dia em que eu comi a senhora que servia o cafezinho... Meu plano foi descoberto!

Autor Desconhecido

A VELHA CONTRABANDISTA

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha. Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco.

A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente.

Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco.

No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês



REPRODUÇÃO INTERNET/PEDRO RUAM/DIVULGAÇÃO

seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

– Juro, – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

Stanislau Ponte Preta

O VERDADEIRO BOBO

Conta-se que numa cidade do interior um grupo de pessoas se divertiam com o idiota da aldeia.

Um pobre coitado, de pouca inteligência, vivia de pequenos biscates e esmolas.

Diariamente eles chamavam o idiota ao bar onde se reuniam e ofereciam a ele a escolha entre duas moedas: uma grande de 400 REIS e outra menor, de 2.000 REIS.

Ele sempre escolhia a maior e menos valiosa, o que era motivo de risos para todos.

Certo dia, um dos membros do grupo chamou-o e lhe perguntou se ainda não havia percebido que a moeda maior valia menos.

Eu sei respondeu o tolo assim: Ela vale cinco vezes menos, mas no dia que eu escolher a outra, a brincadeira acaba e não

vou mais ganhar minha moeda.

Pode-se tirar várias conclusões dessa pequena narrativa.

A primeira: Quem parece idiota, nem sempre é.

A segunda: Quais eram os verdadeiros idiotas da história?

A terceira: Se você for ganancioso, acaba estragando sua fonte de renda.

Mas a conclusão mais interessante é:

A percepção de que podemos estar bem, mesmo quando os outros não tem uma boa opinião a nosso respeito.

Portanto, o que importa não é o que pensam de nós, mas sim, quem realmente somos.

O maior prazer de uma pessoa inteligente é bancar o idiota, diante de um idiota que banca o inteligente.

Autor Desconhecido

Quem somos?

Vesti-me de mendigo e sai visitando reinos. Cheguei a um reino muito rico e logo me sentei no trono real. Um grupo de conselheiros, vendo-me assim, com ar tão prepotente, resolveu me interpelar:

– Você é um príncipe?

– Não. Estou acima disso. – respondi com firmeza e calma.

– Então você é um sultão? – perguntou-me outro dos conselheiros.

– Estou acima disso, ora! – respondi com mais ênfase.

– Ah, então você é um rei? – insistiu outro.

– Estou acima disso! – dei a mesma resposta.

Quando já estavam cansados de tantas negativas, um dos conselheiros atreveu-se a me perguntar:

– Você por acaso é Deus?

– Também estou acima disso!

Todos se entreolharam, mas o curioso conselheiro continuou:

– Mas, o que está dizendo?! Acima de Deus não há nada!

– Pois é justamente isso que sou! – exclamei, fechando a questão.

O JUÍZO FINAL

Chegou o miserável milionário no céu e, impacientemente, esperou a sua vez de ser julgado. Introduziram-no numa sala, noutra sala, noutra sala, até que se viu frente a uma luz ofuscante, na qual pouco a pouco foi distinguindo a figura santa do pai dos Homens. Em voz tonitruante este, tendo à direita, Pedro, e, à esquerda, uma figura que ele não conhecia, julgou sumariamente dois outros pecadores que estavam à sua frente. E, afinal, dirigiu-se a ele:

– Que fez você de bom na sua vida?

– Bem, eu nasci, cresci, amei, casei, tive filhos, vivi.

– Ora – disse o Senhor – isso são atos sociais e biológicos a que você estava destinado. Quero saber que bondade específica e determinada você teve para com o seu semelhante.

– Bem – disse o milionário – eu criei indústrias, comprei fazendas, dei emprego a muita gente, melhorei as condições sociais de muita gente.

– Não, isso não serve – disse o Todo-Poderoso – essas ações estavam implícitas ao ato de você enriquecer. Você as praticou porque precisava viver melhor.

Não foram intrinsecamente boas ações, desprendidas, não servem.

O milionário escarafunchou o cérebro e não encontrou nada. Em verdade, passara uma vida egoísta, pensando apenas em si mesmo. Nunca o preocupara seu semelhante, nunca olhara para o ser humano a seu lado senão como uma fonte de lucro para as suas indústrias. Mas, de repente, lembrou-se das obras de filantropia.

– Ah – disse, puxando uma caderneta – aqui está. Uma vez dei cem cruzeiros para uma velhinha da Casa dos Artistas, outra vez contribuí com duzentos cruzeiros para o Hospital dos Alienados e outra vez contribuí com quinhentos cruzeiros para a Fundação das Operárias de Jesus.

– Só? – perguntou Deus.

– Só – disse o milionário contrafeito.

– Josué! – gritou o Todo-Poderoso –, dê oitocentos cruzeiros ao cavalheiro aqui e que vá para o Inferno.

Moral: Amor com amor se paga e o dinheiro com dinheiro também.



Origem histórica do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha "Regimento Tiradentes"

Regimento Tiradentes tem, em sua raiz histórica, o então 11º Regimento de Infantaria, que era composto, por sua vez, por dois Batalhões: o 51º e 54º Batalhões de Caçadores.

O 51º Batalhão de Caçadores é originário do Batalhão de Caçadores Provisório de Pernambuco, criado em 1839. Este se transforma em 4º Batalhão de Fuzileiros, em 1842. Em seguida, sua designação passa a ser 4º Batalhão de Infantaria Pesada, já em 1870. No ano de 1888, torna-se o 4º Batalhão de Infantaria, com sede na cidade de São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Em 1º de dezembro de 1888, o 4º Batalhão de Infantaria é dividido, dando origem ao 28º Batalhão de Infantaria, em Rio Pardo-RS.

Com essa denominação, chega à histórica cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, em 20 de dezembro de 1897, após retornar de sua participação em Canudos, sendo posteriormente designado, em 1909, como 51º Batalhão de Caçadores.

Por sua vez, o 54º Batalhão de Caçadores é originário do 1º Batalhão Provisório de Infantaria, de São Paulo, capital, criado em 1º de fevereiro de 1894. Em março do mesmo ano, recebe nova designação, passando a se chamar 37º Batalhão de Infantaria, agora localizado em Florianópolis, Santa Catarina. Em 1909, recebe nova designação, transformando-se em 54º Batalhão de Caçadores.

O 11º Regimento de Infantaria (11º RI) foi criado em 11 de dezembro de 1919, inicialmente, composto pelo 51º Batalhão de Caçadores, que passou a ser o 1º Batalhão, ocupando a Escola Estadual Maria Tereza. Em 1920, o 54º Batalhão de Caçadores é deslocado para São João del-Rei, passando a integrar o 11º Regimento de Infantaria, como

2º Batalhão. Instalou-se, provisoriamente, no Ginásio São Francisco de Assis e Escola de Farmácia (antiga Telemig e hoje Empresa OI Telefônica, situada na Ladeira Tenente Vilas Boas). Posteriormente, seguiu para o Centro Social e Cultural (CeSC), antigo escritório da Estrada de Ferro Oeste de Minas.

O Regimento foi organizado em 1º de janeiro de 1920 a três batalhões, contudo, o terceiro foi incorporado apenas em três ocasiões. A primeira foi em 1935 por cinco meses, durante a Intentona Comunista. A segunda, em 1939/1940, por um ano. E a terceira, em 1944/1945, durante a 2ª Guerra Mundial. A partir de 1946, fica o 11º Regimento de Infantaria a um batalhão. A atual sede do aquartelamento, situada no topo da ladeira Tenente Vilas Boas, teve suas construções iniciadas em 22 de março de 1922.

Em 1973 houve a transformação do 11º Regimento de Infantaria para 11º Batalhão de Infantaria e, em 1992, passou a ter a atual designação: 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, sendo a primeira Unidade de Montanha do Exército Brasileiro.

Desta forma, o 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, o "Regimento de São João" orgulha-se de ser o guardião das Montanhas Alterosas.

Histórico do montanhismo militar no Exército Brasileiro

1977 a 1981: origem do montanhismo militar no Brasil e criação as bases curriculares. Em 1979 ocorreu o 1º Estágio do Montanhismo Militar.

1981 a 1987: intercâmbios, estudos das bases doutrinárias sobre operações em montanha no Brasil e, criação da seção de instrução de montanha com foco nas técnicas e táticas de montanhismo militar até o nível unidade. Em 1984 ocorreu o 1º Estágio de Guia de Montanha. Em 1988 a 1991: estudos doutrinários sobre operações em montanha e criação de estágios.

1992 a 1996: transformação do 11º BI em 11º BI Montanha (Mth), modificações estruturais e curriculares no Ensino do Montanhismo Militar. Em 1996 a 2017: produção de material didático e inserção da unidade na conjuntura das operações.

2007 a 2019: criação do Centro de Instrução de Operações em Montanha e transformação da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada em 4ª Brigada de Infantaria Leve (Montanha) com foco nas Operações em Montanha.

